

TRAJETÓRIAS DE SUCESSO ESCOLAR

Recomendações para as escolas



INICIATIVA



PARCERIA TÉCNICA



PARCERIA ESTRATÉGICA



INICIATIVA



PARCERIA TÉCNICA



PARCERIA ESTRATÉGICA



REALIZAÇÃO

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)

Representante do UNICEF no Brasil: Youssouf Abdel-Jelil

Representante Adjunta para Programas: Paola Babos

Chefe de Educação: Mônica Rodrigues Dias Pinto

Oficiais de Educação: Júlia Ribeiro e Erondina Barbosa da Silva

Consultora de Educação: Sandra Tiné

Roda Educativa*

Presidente: Tereza Perez

Diretoria Executiva: Patricia Diaz, Ricardo Vilela e Roberta Panico

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação e edição:

Roberta Panico, Camila Fattori e Erondina Barbosa da Silva

Revisão e produção de conteúdo da 1ª edição:

Ligia Beatriz Goulart, Liane Saenger, Henry Lorencena,
Liège Westermann, Erondina Barbosa, Júlia Ribeiro, Italo Dutra,
Thais Paiva, Roberta Tasselli, Rosália Lacerda, Sandra Tiné,
Maria Dalvirene Braga, Lucas Mizusaki e Lilian Agliardi

Revisão e produção de conteúdo da 2ª edição:

Angela Luiz Lopes e Camila Fattori

Revisão técnica:

Roberta Panico, Maria Maura Gomes Barbosa, Júlia Ribeiro,
Erondina Barbosa da Silva e Sandra Tiné

Revisão de texto:

Rafael Burgos

Diagramação:

Ana Luisa Astiz e Walkyria Garotti

Produção:

Carolina Glycerio, Cristhine Marques, Felipe Seriacopi
e Raquel Porangaba

Consultoria:

Simone Azevedo e Ana Elisa Zambon

Foto de capa:

SE_Antony Gabriel_Italo Cristóvão_2022.

* Roda Educativa é uma organização social que atua na formação de profissionais de educação e que até 2023 tinha o nome de Comunidade Educativa CEDAC. O mesmo grupo de educadoras/es segue trabalhando em constante movimento, transformação e renovação, buscando aprender sempre e ensinar melhor.

Nota: todos os links foram checados em novembro de 2023.

Apresentação

4

Introdução

9

Visão geral da TSE

31

Diagnóstico

53

Planejamento

81

Implementação

107

Por fim...

130



APRESENTAÇÃO

“Esses programas de enfrentamento à cultura do fracasso escolar contrariam destinos.”

Ítalo Dutra (UNICEF)

Olá!

Que bom que este caderno chegou até você!

Se isso ocorreu, é muito provável que você seja uma pessoa incomodada com a cultura do fracasso escolar, tão marcante ainda nas diferentes localidades de nosso país. Ou pode ser que esteja se aproximando desta temática, seja por interesse pessoal ou profissional, ou quem sabe por fazer parte de uma escola que está implementando um programa com foco na mudança dessa triste realidade. Seja por quaisquer desses motivos, saiba que você está se aproximando de uma ampla rede, composta por pessoas e instituições que estão se mobilizando para assegurar o direito de cada estudante à educação. É para fortalecer este movimento, que propõe uma nova cultura, sem espaço para o fracasso escolar, que apresentamos a estratégia **Trajetórias de Sucesso Escolar**, que chamaremos daqui em diante de **TSE**.

A TSE é uma estratégia sistematizada pelo UNICEF e parceiros para combater a **cultura do fracasso escolar**, naturalizada ao longo da história da educação brasileira a partir do entendimento de que aptidões e méritos devem ser identificados e valorizados. Essa combinação de indicadores se retroalimenta no ciclo que define a cultura do fracasso escolar:



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: diagrama com três caixas de texto com fundo azul interligadas com as palavras em branco “Reprovação”; “Abandono”; “Distorção idade-série”.



Reconhecendo a complexidade deste problema, a TSE recomenda **ações integradas** em três níveis de gestão: das redes (equipes técnicas das Secretarias de Educação), da escola (diretores/as, vice-diretores/as e coordenação pedagógica¹) e da sala de aula (professores e professoras). Por isso, este material faz parte de um conjunto com dois cadernos orientadores, um para as Secretarias de Educação e um para as escolas, articulados no sentido de permitirem um trabalho integrado e que valorize o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento permanente de cada estudante. Neste, vamos tratar da perspectiva da **ESCOLA**.

Tais cadernos apresentam recomendações sobre os eixos previstos na estratégia **“DIAGNÓSTICO, PLANEJAMENTO e IMPLEMENTAÇÃO”**.

¹ Ao longo deste material utilizaremos o termo “coordenação pedagógica” para designar a pessoa que atua junto à direção escolar, com maior foco no apoio pedagógico e na formação da equipe docente. A depender da rede esta nomenclatura muda: pedagogos/as, supervisores/as pedagógicos/as, entre outras.



- ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Três elipses com uma intersecção ao meio. A elipse laranja possui dentro a palavra “Diagnóstico”. A verde possui a palavra “Planejamento”. A cor-de-vinho possui o termo “Implementação”. Na intersecção entre as três elipses aparece, em preto, a palavra “Mobilização”.

São eixos permanentes e articulados, baseados no princípio de que uma transformação cultural tão ampla só pode acontecer por meio da **MOBILIZAÇÃO** e engajamento dos diversos atores da gestão pública e das comunidades escolares.

Este caderno está organizado nos seguintes capítulos:

Introdução, que te convida a refletir sobre a cultura do fracasso escolar, com acesso a dados e a conceitos fundamentais para esse tema;

Visão geral da TSE, que detalhará melhor as etapas descritas no diagrama acima, demonstrando as premissas da estratégia;

Diagnóstico, com orientações sobre a condução de um trabalho participativo que envolva a comunidade escolar em um olhar para ela mesma, analisando como a cultura do fracasso escolar se manifesta neste espaço e quais recursos de enfrentamento existem na escola e no território em que ela se situa;

Planejamento, que traz referências para a atuação da gestão escolar e de professores e professoras, a fim de que possam vislumbrar ações com impacto

positivo para as trajetórias de cada estudante, especialmente daqueles/as em situação de distorção idade-série;

Implementação, que inclui propostas para reflexão e práticas de um cotidiano em que a escola efetive sua função social como ambiente de aprendizagem, especialmente por meio do aprimoramento da formação da equipe escolar e do acompanhamento de aprendizagens de estudantes.

Em cada um desses capítulos você encontrará cenas do cotidiano escolar, textos explicativos, orientações “mão na massa” e indicações para manter e aprimorar as mudanças implementadas na escola, tanto na perspectiva da gestão escolar quanto na perspectiva de professores.

Este conteúdo foi elaborado com base nos primeiros cadernos da TSE (publicados em 2018), de outras referências desenvolvidas em alguns estados brasileiros – relacionadas à estratégia –, que também serão apresentadas ao longo das discussões, além de um diagnóstico sobre a implementação de quatro programas estaduais alinhados com a TSE (realizado entre 2022 e 2023). Assim, desde já agradecemos a todas as pessoas que contribuíram com suas experiências, desbravando territórios e abrindo passagens para que, agora, adentremos nesse tema abastecidos de alternativas que têm feito a diferença na vida de tantos e tantas estudantes das diferentes regiões do Brasil.

Nosso objetivo é ampliar continuamente esta grande rede de superação da cultura do fracasso escolar. O desafio é grande e manifesto pelos quase 5 milhões de estudantes em situação de distorção idade-série existentes na educação básica pública do Brasil², entre outros indicadores. A implementação de programas alinhados à estratégia TSE exige esforço coletivo, mas, desde que ela foi iniciada em 2019, temos visto muitas pessoas e instituições com coragem “de sobra” para impactar a vida de cada estudante. Junte-se a nós para garantir o direito dessas crianças e adolescentes à educação.

2 São 4.696.270 segundo dados do Censo Escolar e Inep de 2022.



INTRODUÇÃO

“Foi importante mostrar para os alunos que tinha alguém olhando para eles.”

Professor/a do Amapá, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa Travessia” alinhado à TSE.

“Vocês tão fazendo o meu sonho se tornar real. Porque para mim não tinha jeito e vocês falaram: ‘Tem jeito, sim. Você é capaz’.”

Estudante do Espírito Santo, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa SucESso Escolar” alinhado à TSE.

Por que é fundamental construir trajetórias de sucesso escolar? 10

A escola é direito e fator de proteção 18

Alternativas para a mudança deste cenário 20

❏ ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Foto em que aparece uma adolescente em primeiro plano, com recorte na parte superior do corpo. Ela usa uniforme escolar, cabelos compridos e está sorrindo enquanto anda com uma das mãos para cima. No fundo, desfocado, está um cenário com árvores, uma casa com roupas no varal e pessoas.

Por que é fundamental construir trajetórias de sucesso escolar?

Francisco é um adolescente de 14 anos que vive na região metropolitana de uma capital no nordeste do Brasil. É o mais velho de uma família de oito filhos, criados apenas pela mãe. Foi reprovado no 3º e 5º anos do Ensino Fundamental. Em 2019, a mãe de Francisco foi chamada na escola por causa de uma briga e lá ouviu que ele era hiperativo e parecia ter déficit de atenção. Ele foi suspenso e... sumiu! Abandonou a escola para trabalhar e ajudar a mãe. Em 2020, Francisco voltou à escola, mas veio a pandemia e, como não tinha computador nem celular, desistiu novamente. Em 2022, foi encontrado pela Busca Ativa Escolar³ e matriculado em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

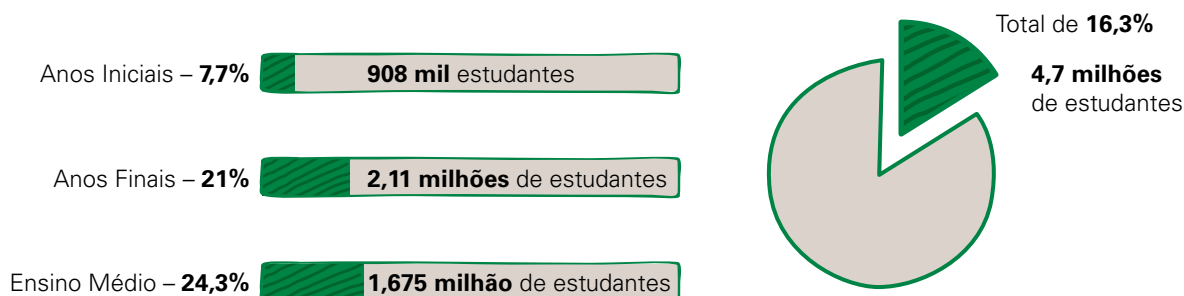
Essa é a história do jovem Francisco, mas poderia ser a de milhares de jovens brasileiros que carregam em suas vidas históricos de reprovação, abandono e atraso escolar. Pare por um momento e reflita: o que você faria se fosse diretor/a da escola de Francisco? E se fosse sua professora ou seu professor? Ou, então, se fosse esse estudante?

3 A Busca Ativa Escolar é uma estratégia composta por uma metodologia social e uma ferramenta tecnológica disponibilizadas gratuitamente para estados e municípios que visa apoiar os governos na identificação, registro, controle e acompanhamento de crianças e adolescentes que estão fora da escola ou em risco de evasão. Ela foi desenvolvida pelo UNICEF em parceria com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e com apoio do Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social (Congemas) e do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems). Para mais informações: buscaativaescolar.org.br

Frequentemente a pobreza, os/as estudantes e suas famílias são identificados como “culpados” dessa situação, mas é fundamental questionar: qual a responsabilidade da sociedade em assegurar o direito à educação e trajetórias de sucesso para todas e todos os estudantes, diante das diversas situações de vulnerabilidade?

Observe alguns dados impactantes sobre estudantes em situação de distorção idade-série, ou seja, que estão com dois ou mais anos de diferença em relação ao ano letivo em que deveriam estar pela sua idade:

Distorção idade-série nas redes públicas do Brasil⁴



Para além dos números está a vida presente e futura de cada estudante, impactada por essa situação. Quando compreendemos esse fenômeno e o percebemos como **uma cultura que está dentro da escola** – que, por sua vez, faz parte da sociedade – podemos compreender por que existem populações mais impactadas pela situação de distorção idade-série do que outras. São populações que tiveram direitos sociais negados historicamente – fato que a escola, muitas vezes, trata como normalidade.

⁴ Censo Escolar e Inep, 2022.

Cultura do fracasso escolar

Quando uma criança, adolescente ou jovem não consegue aprender, quem fracassou? Certamente não foi ela ou ele! Frequentemente, ao utilizar o termo fracasso escolar, o peso recai justamente sobre a ou o estudante.

Por isso optamos pelo uso do termo “cultura do fracasso escolar”. Ao falar em cultura estamos enfatizando que se trata de um fenômeno social, formado por um conjunto de elementos, como conhecimentos, costumes, crenças, hábitos e comportamentos. Uma cultura é formada por marcas sociais fortes, que são transmitidas de geração em geração. Assim, ressalta-se que a cultura do fracasso escolar é uma produção social – especialmente, uma produção da educação e dos educadores/educadoras de nossa sociedade.



“Não é por acaso que esses recursos disciplinadores incidam mais fortemente sobre os meninos, sobre os povos indígenas, sobre negros e sobre pessoas com deficiência, residentes em pequenos municípios, nas periferias dos grandes centros urbanos, nas regiões mais pobres ou mais afastadas dos centros econômicos do país e nos territórios que apresentam grandes desigualdades sociais, como o Semiárido e a Amazônia Legal brasileira (...).”

Fonte: Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: reprovação, abandono e distorção idade-série. UNICEF, Instituto Claro e CENPEC⁵.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação referida com título “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: Reprovação, abandono e distorção idade-série”, logos do UNICEF, Instituto Claro e CENPEC e foto de estudante em sala de aula com enquadramento em seu rosto.



CONSULTE

No link www.bit.ly/enfrentamentoTSE
ou no código QR.

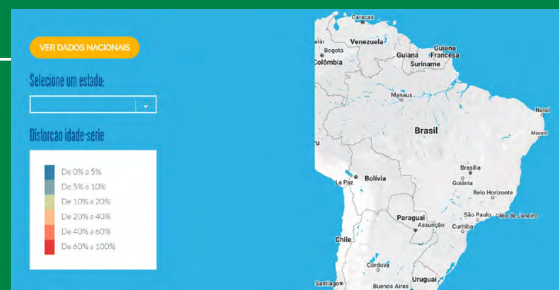
5 Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: reprovação, abandono e distorção idade-série. UNICEF, Instituto Claro e CENPEC, 2021, p.9.

Precisamos, ainda, considerar a **interseccionalidade**, ou seja, a compreensão de que, quando se cruzam uma ou mais características que historicamente marcam processos socialmente excludentes, esses podem ser potencializados. Por exemplo, quando residentes em pequenos centros urbanos, no meio rural, no território amazônico ou no Semiárido brasileiro, nos assentamentos, nas áreas quilombolas e nas terras indígenas, crianças e adolescentes pretos, ou pessoas com deficiência, podem sofrer ainda mais os efeitos da cultura do fracasso escolar, sobretudo quando as práticas pedagógicas e as políticas educacionais ignoram ou negam essas situações.

Não haverá mudança nos patamares atuais sem o reconhecimento de que a melhoria dos resultados escolares, entendidos como a permanência e a aprendizagem com sucesso de cada estudante em sua trajetória, passa por transformar as relações na direção da inclusão – pelo combate ao racismo, ao sexismo, ao capacitismo, ao classismo, à LGBTfobia.

Painel TSE

Você sabia que, no site da TSE, pode encontrar informações sobre seu estado, seu município e até da escola onde trabalha ou onde seu filho/sua filha estuda?



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela inicial do Painel TSE com mapa do Brasil, inscrição “Ver dados nacionais”, menu suspenso para seleção de estado e legenda de cores correspondente às taxas de distorção idade-série.

CONSULTE

No link <https://bit.ly/mapaTSE> ou pelo código QR.



INTRODUÇÃO

Diante desse cenário tão complexo, é muito comum a busca das pessoas e instituições “culpadas”. Alguém diz que a responsabilidade é da rede municipal – visto que é nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que, normalmente, ocorre a alfabetização. Essa, por sua vez, pode dizer que as taxas pioram nos Anos Finais do Ensino Fundamental, sinalizando a responsabilidade da rede estadual, que assume boa parte das matrículas nesse segmento. Mas o que, de fato, importa é a priorização de investimentos em políticas públicas colaborativas entre os entes federados e entre os diferentes atores educacionais para a superação da distorção idade-série e a consequente promoção de trajetórias de sucesso escolar, afinal, muitas e muitos estudantes passam por ambas as redes ao longo de seu processo de escolarização. Vejamos outra análise que evidencia a relevância de que essa seja uma prioridade na cooperação entre entes federados.

A distorção idade-série, além do alto custo pessoal, emocional e social às e aos estudantes, traz também altos custos financeiros às redes de educação. A fim de levantar esta reflexão, propomos um raciocínio matemático a partir de um recorte estático de apenas uma das etapas do ensino: Anos Finais do Ensino Fundamental. A ideia é que possamos estimar o custo da distorção idade-série em um determinado momento, o ano de 2022. Sabemos que trata-se de um cálculo subestimado, já que temos, também, a distorção idade-série em outras etapas. E é ainda um cenário de estudo, uma vez que a cada ano essa realidade se modifica com a entrada de novos e novas estudantes que chegam aos Anos Finais, trazendo como bagagem dois ou mais anos de atraso.

Vejamos, então, o que essa “fotografia” poderia nos dizer sobre o custo da distorção idade-série, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, em 2022, considerando as redes públicas brasileiras:

Um ou uma estudante em trajetória regular que leva quatro anos para concluir a etapa de Anos Finais do Ensino Fundamental, por exemplo, exigiria como investimento da rede, durante este tempo, o valor aproximado de R\$ 22.649,76 (vinte e dois mil, seiscentos e quarenta e nove reais e setenta e seis centavos), considerando o valor/aluno do FUNDEB (VAAT-MIN) em 2022

(R\$ 5.662,44⁶ – cinco mil, seiscentos e sessenta e dois reais e quarenta e quatro centavos). No entanto, quando temos estudantes em situação de distorção idade-série de pelo menos dois anos, este valor sobe para pelo menos R\$ 33.974,64 (trinta e três mil, novecentos e setenta e quatro reais e sessenta e quatro centavos), considerando que este mesmo estudante levou seis anos (no mínimo) para a conclusão da mesma etapa.

Ao multiplicar a diferença de R\$ 11.324,88 (onze mil, trezentos e vinte e quatro reais e oitenta e oito centavos), entre os dois valores acima, pelos 2.112.033 de matrículas em situação de distorção idade-série nas redes públicas, considerando apenas os Anos Finais do Ensino Fundamental, atingimos o valor de R\$ 23.918.520.281,00 (vinte e três bilhões novecentos e dezoito milhões, quinhentos e vinte mil e duzentos e oitenta e um reais) – lembrando que esse valor é subestimado, tendo em vista que considerou um atraso de dois anos, apenas nos Anos Finais do Ensino Fundamental, e não incorporou outros cálculos que incidem sobre esse custo. Portanto, na realidade, o impacto é muito maior.

Isso significa que, se tirássemos uma foto da situação de 2022, assumindo um cenário estático, esse seria o valor investido nos dois anos a mais desse grupo de estudantes – bilhões de reais que poderiam ter sido redirecionados para outras prioridades, se houvessem políticas consistentes de recuperação ao longo do ano e de ampliação das condições para o ensino e a aprendizagem.

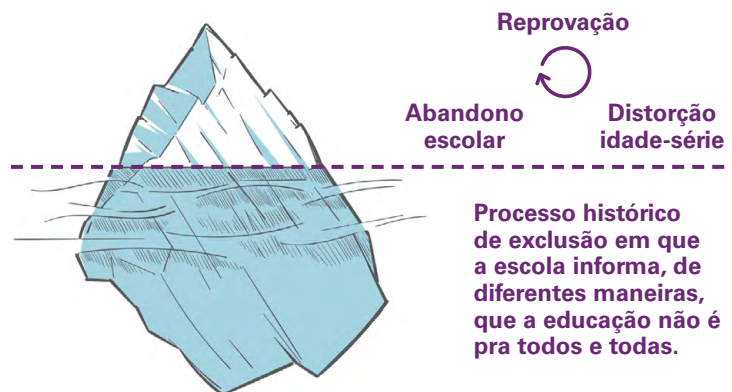
Essa fórmula foi desenvolvida a fim de que possamos observar como a cultura do fracasso escolar impacta as políticas educacionais, exigindo uma atuação intencional e planejada. É possível fazer esse mesmo cálculo utilizando os dados de cada estado. No entanto, de forma nenhuma, ele chega perto de calcular o impacto social desse fenômeno, que é imensurável.

Estes dados trazem incômodo e servem para mobilizar a equipe da escola. Atacar esse problema não significa, simplesmente, reduzir a reprovação e, portanto, a distorção idade-série de “qualquer forma” ou “passando estudantes de ano independentemente da aprendizagem”. É preciso pensar o que está na base deste problema e direcionar a esse foco as nossas ações.

6 O valor do VAAT-MIN de R\$5.662,44 considera o total estipulado para a maior parte das redes educacionais. Mais informações podem ser obtidas na página 5 da Nota Técnica nº 23/2022 da Câmara dos Deputados, Valor Aluno-ano FUNDEB (VAAF) e Valor Aluno-ano total (VAAT): Metodologia de cálculo e aspectos conceituais. Claudio Riyudi Tanno, consultor de Orçamento. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/orcamento-da-uniao/estudos/2022/NTn23-2022FundebVAAFVAAT20212022.pdf>.

INTRODUÇÃO

O que tem por trás da cultura do fracasso escolar?



- ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Na parte superior da imagem há a pergunta: “O que tem por trás da cultura do fracasso escolar?,” em roxo. Há a figura de um iceberg, com parte menor acima do nível da água e parte maior abaixo. Ao lado há uma imagem de seta como um ciclo e os termos “Reprovação”, “Distorção idade-série” e “Abandono escolar” em roxo. Abaixo da linha que sinaliza o nível da água consta o texto: Processo histórico de exclusão em que a escola informa, de diferentes maneiras, que a educação não é pra todos e todas.

Usamos aqui a metáfora do iceberg sabendo que a parte que vemos é muito menor do que a sua base – essa sim é a que sustenta o que está acima do nível da água, visível. Se navegantes tomassem decisões com base na dimensão do gelo que veem, possivelmente haveria uma colisão, então é preciso dimensionar, principalmente, a parte submersa, que não está visível. Pare e pense por um minuto, considerando os dados que trouxemos até aqui: **o que está na base da repetência, da distorção idade-série e do abandono?**

Fazendo essa pergunta para grupos de educadores e educadoras, é muito comum que surjam observações do tipo: alguns/mas estudantes vão sendo deixados de lado ao longo do ensino, de modo que as desigualdades de condições para ensinar e aprender os/as tornam invisíveis; alguns estudantes não aprendem porque têm problemas de aprendizagem; provêm de famílias “desestruturadas”; entre outros.

Buscando olhar além da superfície, te convidamos a refletir sobre o processo histórico de exclusão que está na base desse ciclo, por meio do qual a escola vem consolidando, ao longo de séculos, uma educação que não é para todas e todos.

Um problema histórico

A cultura do fracasso escolar, assim como outras culturas de exclusão social, tem se constituído há muito tempo com a participação de diversos atores, seja conscientemente ou não, de modo que reconhecer esse triste cenário é essencial para enfrentá-lo. Igualmente, devemos identificar os esforços que existem para mudança desta realidade. A educação brasileira, marcada pelo colonialismo, escravidão e pelo elitismo, passou por um longo processo de transformação para assegurar a universalização do acesso e ainda vive a batalha pela permanência e sucesso de todas e todos os estudantes. Ao longo desse processo histórico as populações que demoraram mais para ter acesso à educação são as mesmas que ainda hoje apresentam maiores taxas de reprovação, distorção idade-série e abandono escolar (população negra, povos tradicionais, de nível socioeconômico mais baixo e pessoas com deficiência).



Para saber mais detalhes sobre a história da educação e da escolaridade no Brasil, acesse a linha do tempo, que faz parte do curso “Gestão escolar e professores/professoras na rede: políticas para o sucesso escolar”, disponível no AVA UNICEF⁷.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Imagem inicial da linha do tempo com a inscrição “A educação no Brasil: O que a construção da escola pode revelar em relação à exclusão e à cultura do fracasso escolar”. Na linha do tempo se vê períodos de anos de 1549 até 2022, com destaques de marcos em cada período.

⁷ A linha do tempo que aborda o histórico da cultura do fracasso escolar no Brasil faz parte do curso Gestão Escolar e Professores: políticas para o sucesso escolar, que integra o AVA UNICEF. O curso pode ser acessado, mediante cadastro, em: <https://ava.unicef.org.br/course/view.php?id=23>.

CONSULTE

No link <https://bit.ly/tempoTSE> ou pelo código QR.



A escola é direito e fator de proteção

A análise sobre as trajetórias desses e dessas estudantes que estão em situação de distorção idade-série demonstra que é frequente o abandono escolar por diferentes motivos: sentimento de fracasso, entendimento de que a escola não é um lugar para si; inserção prematura no mercado de trabalho, para subsistência da família; cooptação para trabalhos ilegais, como, por exemplo, o tráfico de entorpecentes; gravidez na adolescência; preconceitos diante da orientação sexual, entre outras tantas variáveis.

Para além de espaço privilegiado para aprender e gerador de mobilidade social, **a escola é também fator de proteção**. Qual outro equipamento público, além dela, acompanha as crianças, adolescentes e jovens tão de perto e por tanto tempo, a ponto de constatar mudanças comportamentais e outros indícios de que algo não vai bem? Ao abandonar as aulas, crianças, adolescentes e jovens ficam ainda mais expostos às diversas violências da sociedade.

Uma **Educação que Protege** é aquela que garante, a cada criança e adolescente, o acesso e a permanência na escola como estratégia intersetorial de proteção, a efetiva inclusão na comunidade escolar, com políticas educacionais e práticas pedagógicas que fortalecem fatores de proteção, e a quebra dos ciclos das violências que se produzem e se manifestam na escola.

Garantir que cada criança, adolescente e jovem matriculado na escola tenha uma trajetória escolar de sucesso é um compromisso dos governos, de toda a sociedade, um dever social de cada cidadão e, também, um esforço coletivo.

Educação como direito

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Constituição Federal da República Federativa do Brasil, 1988.

Além da Constituição Federal de 1988, a Constituição Cidadã, outras normativas asseguram os direitos à educação, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, as Diretrizes Curriculares Nacionais e os documentos curriculares alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017. Todos esses documentos definem estratégias e ações para políticas educacionais de qualidade com foco no acesso universalizado, na permanência e no sucesso, ou seja, aprender na idade adequada e avançar nos estudos. Assim, é preciso observar que as ações previstas nos programas de enfrentamento da cultura do fracasso escolar alinhados à TSE dialogam com todas essas diretrizes, efetivando-as em nível local.

A participação de todos os sujeitos que estão direta ou indiretamente envolvidos com a educação é fundamental para assegurar a aprendizagem e o pleno desenvolvimento de cada estudante.

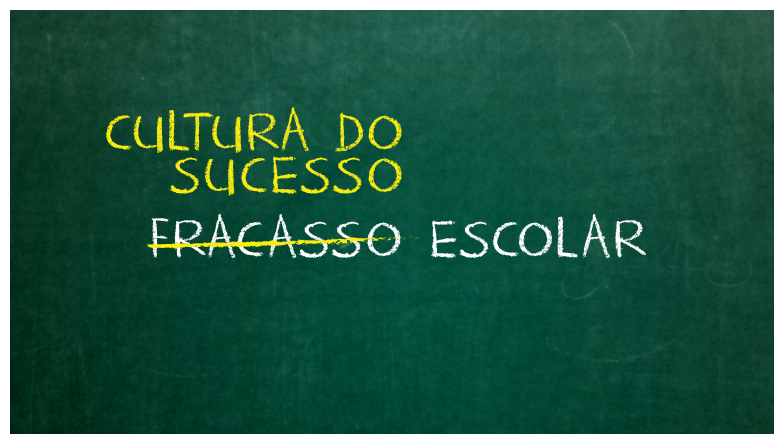
CONSULTE

Conheça recursos do UNICEF e parceiros para apoiar a construção de uma Educação que Protege em <https://bit.ly/recursosprotege> ou pelo código QR.



Alternativas para a mudança deste cenário

Existe uma frase, de autor desconhecido, que diz: “Insanidade é continuar fazendo a mesma coisa e esperar resultados diferentes.” Ora, para que possamos mudar este cenário que naturaliza que milhões de crianças e adolescentes tenham suas trajetórias escolares marcadas negativamente ou até interrompidas, é preciso buscar alternativas. Isso exige um trabalho com toda a comunidade escolar.



- ▮ ▮ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Lousa verde com a inscrição “fracasso escolar” em branco com a palavra
- ▮ ▮ “fracasso” riscada com giz amarelo. Acima dela aparece em amarelo “cultura do sucesso”.

Nas redes educacionais e em cada escola é preciso promover um trabalho preventivo de combate à cultura do fracasso escolar, e ao mesmo tempo lidar com os efeitos do que essa cultura produziu: estudantes que estão em situação de distorção idade-série ou que já abandonaram a escola. Nesse sentido, a TSE traz recomendações para apoiar a elaboração de programas que atinjam ambos os focos!

Sobre a TSE

Veja uma apresentação em que Ítalo Dutra, do UNICEF, explica a estratégia TSE, que poderá ser utilizada nas reuniões em sua escola.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Imagem do vídeo com um homem branco, com barba e terno (parte superior do corpo). Fundo branco. Na lateral esquerda há um círculo azul com inscrições em branco: "Distorção idade-série = a dois ou mais anos de atraso escolar".



CONSULTE

No link <https://bit.ly/sobreTSE> ou pelo código QR.



INTRODUÇÃO

Por meio da experiência nos estados que estão implementando programas alinhados à TSE e pelo estudo de outras referências, verifica-se como ações fundamentais:

DE FORMA PREVENTIVA Com foco em todas e todos os estudantes da escola	DE FORMA CORRETIVA Com foco em estudantes que abandonaram a escola
• Propor a discussão sobre o tema da cultura do fracasso escolar para a comunidade da escola. • Fortalecer as formações dos professores e professoras e apoiar o planejamento de boas situações didáticas, para que os/as estudantes possam aprender com significado. • Aprimorar as práticas de acompanhamento de aprendizagem com foco na equidade, identificando rapidamente estudantes que precisam de mais apoio e promovendo a recuperação ao longo do ano letivo, de forma a reduzir o risco da reprovação e da distorção idade-série. • Promover a escuta e a participação de estudantes continuamente, mas também em momentos específicos (como nas assembleias de classe, por exemplo), além de outras ações para consolidar a participação da comunidade escolar como um todo. • Buscar a rede de proteção intersetorial para apoio às e aos estudantes em condições de vulnerabilidade que tenham dificuldades na aprendizagem e permanência escolar. • Assegurar as condições necessárias (espaço adequado, materiais, equipamentos, tempo etc.) para que professores e professoras tenham condições de ensinar e estudantes tenham condições de aprender. • Promover um ambiente escolar que valorize o conhecimento, a boa convivência e a diversidade de todas e todos. • Dar atenção aos períodos de transição, tanto dos Anos Iniciais para os Finais do Ensino Fundamental como dos Anos Finais do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, considerando mudanças de escola, de redes e de propostas pedagógicas. • Promover espaços em que as e os estudantes possam contribuir com a aprendizagem de seus/suas colegas, criando a rede do saber a partir do que cada pessoa conhece, quer aprender e pode ensinar.	Promover a Busca Ativa Escolar⁸, de forma articulada à rede de proteção local. DE FORMA CORRETIVA Para estudantes que estão em situação de distorção idade-série (além do que está na coluna da esquerda) Propor um trabalho diferenciado, principalmente nos Anos Finais, por meio de agrupamentos específicos que favoreçam: • um planejamento pedagógico diferenciado considerando diagnóstico das necessidades dessas e desses estudantes, mas também valorizando o que já sabem; • uma proposta curricular diferenciada, apostando nas aprendizagens essenciais; • um acompanhamento de aprendizagens intensificado, gerando rápido apoio adicional em casos específicos, com avaliação diversificada e que privilegie aspectos qualitativos, com vistas à reclassificação; • um trabalho articulado à rede de proteção, já que é frequente que esses e essas estudantes apresentem violações de direito que exigem atuação para além da escola.

⁸ <https://buscaativaescolar.org.br/>.

Busca Ativa Escolar e TSE andam de mãos dadas

Compreenda mais sobre essa articulação por meio da publicação INTEGRAÇÃO Busca Ativa Escolar e Trajetórias de Sucesso Escolar na iniciativa Crescer com proteção: Notas para reflexão.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação: Integração Busca Ativa Escolar e Trajetórias de Sucesso Escolar, com menino branco sorrindo entre duas estantes de uma biblioteca com um livro aberto na mão. Logos Crescer com Proteção, Instituto Camará, Agenda Pública, MPT e UNICEF.

CONSULTE

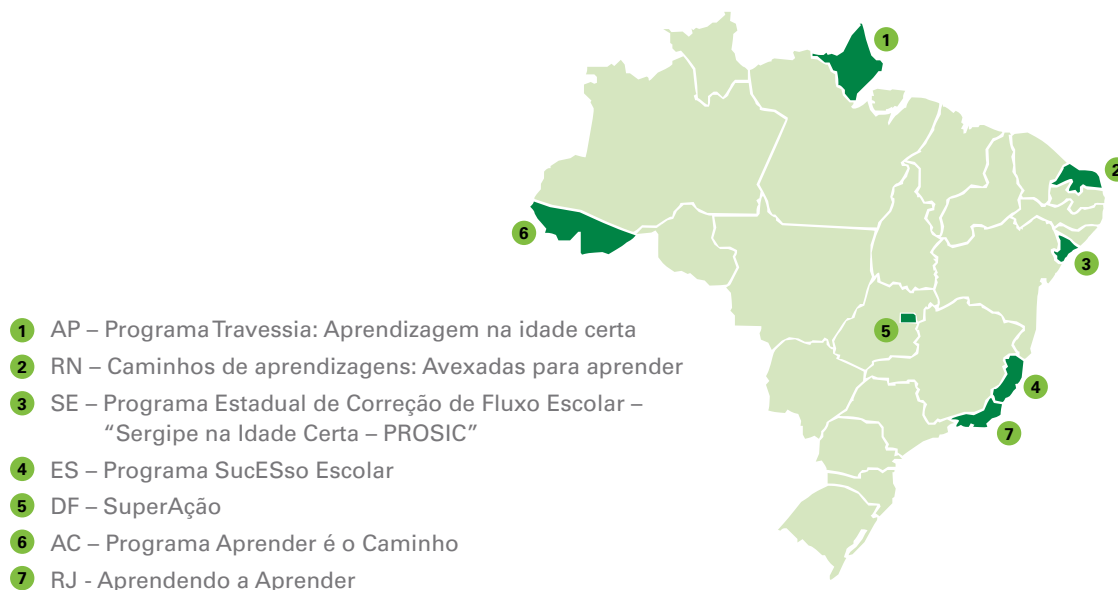
No link <https://bit.ly/crescerTSE> ou pelo código QR.



No caso de estudantes que já estão em situação de distorção idade-série, as propostas pedagógicas precisam considerar o direito das e dos adolescentes e jovens de terem acesso a uma educação de qualidade e de se desenvolverem junto aos seus pares. Por isso, fazem sentido propostas que contêm alternativas diferenciadas para que ampliem suas aprendizagens e, progressivamente, avancem para o ano letivo correspondente à sua idade cronológica.

Desde 2019, a estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar vem propondo recomendações para o enfrentamento da cultura do fracasso escolar e, especificamente, uma alternativa diferenciada de intervenção com estudantes que já estão em situação de distorção idade-série. Essas recomendações têm apoiado a implementação de muitos programas estaduais. A seguir, alguns exemplos:

INTRODUÇÃO



❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Mapa do Brasil em verde claro com estados pintados em verde escuro e numerados. Na legenda estão descritos: (Amapá - Programa Travessia: Aprendizagem na idade certa; Acre - Aprender é o caminho; Distrito Federal - Programa Superação; Espírito Santo - Programa SucESso Escolar; Rio de Janeiro: Aprendendo a Aprender; Rio Grande do Norte: Avexadas para aprender).

Esses programas, implementados por cada Secretaria Estadual de Educação e seus parceiros, incluindo o UNICEF, vêm possibilitando a transformação de vida e de trajetórias escolares de milhares de estudantes. Você pode conhecer algumas dessas histórias de vida no canal do UNICEF no YouTube.⁹

⁹ Acesse a playlist com histórias de vida impactadas por programas alinhados à TSE no YouTube do UNICEF, em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLg5IhsOI5bLXohjN0JEtOZ-5u1YB8B7i>.

A proposta da TSE é que as escolas possam desconstruir o que está na base da cultura do fracasso escolar – isso tem a ver com sua estrutura e funcionamento geral. No caso de estudantes que já estão em situação de distorção idade-série, a TSE recomenda que sejam feitos **agrupamentos específicos**, considerando a junção de anos escolares em ciclos, com quantidade **de estudantes reduzida** em cada turma para que sejam atendidos em suas especificidades – pois, frequentemente, esses e essas estudantes ficam invisibilizados nas turmas regulares. Considerando a realidade das escolas do Brasil, dificilmente se consegue fazer um trabalho realmente diferenciado de forma paralela às demais atividades da turma.

Ao organizar as turmas do programa com número reduzido de estudantes é possível investir mais em avaliações diagnósticas, planejamento pedagógico baseado nas aprendizagens essenciais e acompanhamento que conduza a intervenções mais rápidas e ajustadas. Esse conjunto de ações, frequentemente, apoia o progresso de estudantes, rompendo com o ciclo de reprovações. Na medida em que avançam em suas aprendizagens, poderão ser promovidos, de forma a aproximar-se progressivamente das turmas correspondentes à sua idade.

Tanto os agrupamentos específicos quanto a possibilidade de promoção por meio da reclassificação estão previstas em lei e podem ser instrumentos de qualquer escola, independentemente da existência de programas locais de enfrentamento da cultura do fracasso escolar.

De olho na legislação

As diferentes formas de agrupamento e a reclassificação de estudantes estão asseguradas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB¹⁰):

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, **sempre que o interesse do processo de aprendizagem** assim o recomendar.

§ 1º A escola poderá **reclassificar os alunos**, inclusive quando se tratar de transferências entre estabelecimentos situados no País e no exterior, tendo como base as normas curriculares gerais.

IV - poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes ou outros componentes curriculares.

No entanto, a experiência de implementação de programas alinhados à TSE ao longo desses anos tem demonstrado que a existência de políticas estaduais e municipais com essa finalidade é fundamental para que este problema seja visto como prioridade e para que as intervenções sejam planejadas com profundidade e de forma contextualizada, já que **o que se quer não é apenas corrigir o fluxo, mas assegurar as aprendizagens essenciais para esses e essas estudantes**. Embora isso

10 BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). 9.394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.

possa ser realizado em qualquer etapa de ensino, os dados educacionais apontam a necessidade de intervir especialmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Além das recomendações para o planejamento de um trabalho pedagógico diferenciado, a TSE também apoia a elaboração e o acompanhamento das políticas implementadas. Em 2022/2023 o UNICEF promoveu um diagnóstico dos programas dos estados do AP, ES, RN e SE, em parceria com a Roda Educativa, então denominada Comunidade Educativa CEDAC, que demonstrou transformações nas escolas em que esses programas foram implementados.

O que o diagnóstico dos programas demonstrou no nível da escola

- **Impacto positivo** na maior parte dos e das estudantes que já estavam em situação de distorção idade-série e tiveram acesso a agrupamentos com propostas pedagógicas específicas e maior acompanhamento.
- Reconhecimento frequente desses e dessas estudantes de que o grupo específico, com turma reduzida e proposta diferenciada, foi uma **oportunidade** por meio da qual tiveram mais condições para aprender e avançar.
- Muitos professores e professoras relataram que as **mudanças de estratégia de ensino e, também, em práticas pedagógicas e de escuta** foram levadas para outras turmas, o que é fundamental para que a escola enfrente a cultura do fracasso escolar de forma mais ampla.
- A importância da atuação de **gestores escolares como agentes implementadores dessa política educacional**, conduzindo o trabalho na escola a partir das premissas do programa, zelando pela formação da equipe e pelas condições para o ensino, e promovendo a articulação entre atores da comunidade escolar.

INTRODUÇÃO

Estudantes ouvidos no diagnóstico foram questionados sobre o que acham que funciona bem nas aulas e as respostas estiveram ligadas a:

- propostas de agrupamentos diversificados que favoreçam a interação e o apoio entre pares;
- situações didáticas mais contextualizadas com a vida das e dos estudantes, valorizando seus saberes e potencialidades;
- respeito e cuidado nas explicações, com atenção ao processo de aprendizagem de cada estudante;
- adaptação aos diferentes níveis de aprendizagem e apoio às e aos que mais precisam.

Você notou o quanto os desejos desses e dessas estudantes remetem às principais discussões sobre a educação dos últimos anos? Para implementar situações didáticas como essas, o corpo docente precisa ter algumas condições asseguradas, tais como:

- **formação continuada**, que contemple teoria e prática e que seja realizada em contexto de trabalho, incluindo encontros formativos e, também, tempo para planejamento individual e integrado entre docentes e seus pares;
- **quantidade reduzida de estudantes por turma**, para que se possa ter, efetivamente, mais foco nas adaptações e no acompanhamento específico;
- **materiais didáticos** significativos às idades e interesses das e dos estudantes, que favoreçam a implementação de bons contextos de aprendizagem e que levem em conta o tempo real de planejamento desses e dessas profissionais que, frequentemente, se dividem entre redes;
- **apoio pedagógico adicional**, para situações em que a defasagem se apresenta de forma mais acentuada, como nos casos de estudantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental que ainda apresentam questões sobre o domínio do sistema de escrita, fluência leitora e produção textual;

- **espaços favoráveis à aprendizagem**, quanto à disponibilidade de diferentes ambientes e climatização em lugares muito quentes, por exemplo;
- **tempo assegurado** para aprendizagem com profissionais e estrutura suficientes, para garantir o desempenho do seu papel e foco em atividades que favoreçam a aprendizagem;
- apoio da **rede de proteção** às e aos estudantes que necessitem;
- **alimentação de boa qualidade** para as e os estudantes, sobretudo em casos de maior vulnerabilidade social.

É nesse sentido que os programas de cada estado ou município podem ser planejados para favorecer que as escolas tenham condições de fazer cumprir os direitos dessas e desses estudantes. Daqui em diante você compreenderá mais sobre como as premissas da TSE dialogam com tudo o que já foi apresentado até aqui.

Em síntese, é indiscutível a importância de desenvolver ações com foco na redução da distorção idade-série, assegurando o direito à educação de estudantes impactados pela cultura do fracasso escolar.

Embora esse caderno tenha como principal objetivo orientar equipes escolares na implementação de programas alinhados à estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar, é fundamental considerar que as variáveis envolvidas nos contextos de vida desses e dessas estudantes e as condições para os processos de ensino e aprendizagem são as mesmas que encontramos nas salas de aula regulares. Assim, organizar turmas específicas para uma intervenção diferenciada com estudantes que tiveram seus direitos negados é fundamental, no entanto, será ainda mais importante assegurar que todas e todos os estudantes vivenciem situações educativas que permitam o desenvolvimento integral e adequado à faixa etária. Tão importante quanto isso é assegurar um acompanhamento de aprendizagens que favoreça intervenções rápidas e assertivas para cada estudante.



VISÃO GERAL DA TSE

“O sucesso não é uma experiência de aprendizado apenas para os alunos, é para os professores também.”

Professor/a do Espírito Santo, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa SucESso Escolar” alinhado à TSE.

“Quando eu era mais novo eu não pensava muito no meu futuro. Depois dos 15 anos eu comecei a prestar atenção nisso e eu já estava muito atrasado. Então é bom ter o 8º e 9º junto, para poder voltar a sonhar.”

Estudante do Rio Grande do Norte, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa Caminhos de Aprendizagens: Avexadas para aprender” alinhado à TSE.

Premissas da TSE	32
Mapa com as ações de cada ator	41
Orientações para os diferentes momentos de cada programa	48

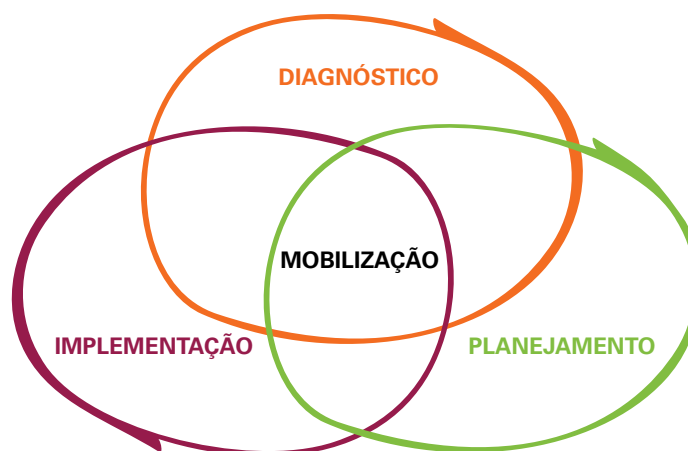
❏ ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Menino negro de cabelo curto sorri na frente de um quadro branco escrito em uma sala de aula.
❏ ❏

Premissas da TSE

O desenvolvimento de políticas para o sucesso escolar e de ações em cada escola para atender o número expressivo de estudantes que já estão em situação de distorção idade-série precisa ser uma prioridade. Nesse sentido, a gestão escolar possui um papel fundamental na reflexão sobre a situação de sua escola e na implementação de um plano de ação, mobilizando a comunidade escolar para a construção de uma proposta pedagógica específica para esses e essas estudantes, em diálogo com as orientações dos programas estaduais e/ou municipais alinhados à TSE.

O UNICEF acompanha e apoia programas locais em alguns estados, porém qualquer Secretaria Municipal ou Estadual pode implementar um programa próprio, de forma autônoma, a partir das recomendações da estratégia TSE.

Assim, a TSE redesenha suas recomendações, localizando-as em três eixos de atuação, que têm como pano de fundo a MOBILIZAÇÃO: DIAGNÓSTICO; PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO.



- ▮ ▮ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Três elipses com uma intersecção ao meio. A elipse laranja possui dentro a palavra
- ▮ ▮ “Diagnóstico”. A verde possui a palavra “Planejamento”. A cor-de-vinho possui o termo “Implementação”. Na intersecção entre as três elipses aparece, em preto, a palavra “Mobilização”.

As intersecções no diagrama demonstram que esses eixos se articulam a todo momento, seja quando a escola está fazendo a implementação inicial do programa local, seja em sua continuidade e ampliação. Mais à frente vamos explorar as recomendações por eixos. Por ora, veremos premissas que favorecerão a condução das ações, em todos os eixos:

TRAJETÓRIAS DE SUCESSO ESCOLAR



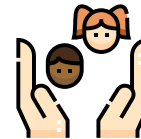
Desnaturalização
da cultura do
fracasso escolar



Foco na
aprendizagem e
desenvolvimento



Acompanhamento
do ensino e da
aprendizagem



Rede de proteção
à criança e ao
adolescente



Educação inclusiva



Equidade



Colaboração



Diversidade



Território

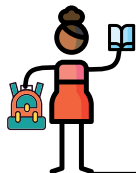


Participação
e escuta



Formação
continuada

VISÃO GERAL DA TSE



- ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Ícone de menina negra com livro na mão esquerda erguida. Na mão direita, abaixada, ela segura uma mochila.



- ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Ícone com livro no centro, cercado por símbolos de conectividade: seta, lâmpada, megafone e antena.



- ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Ícone com estudante na mesa lendo livro com pessoa adulta observando. Ambos são negros.

Considerando as premissas que são base para as recomendações da TSE, observe que os símbolos de cada uma aparecerão em diferentes momentos do estudo que se seguirá, sinalizando a presença da premissa na recomendação.

Desnaturalização da cultura do fracasso escolar

Por trás dos indicadores de repetência, distorção idade-série e abandono está a naturalização do fracasso escolar. A maioria da sociedade aceita que um perfil específico de estudante passe pela escola sem aprender, sendo reprovado diversas vezes até desistir. Essa cultura do fracasso escolar acaba por excluir, sempre, as e os estudantes em situação de maior vulnerabilidade, que já sofrem outras violações de direitos dentro e fora da escola, constituindo-se uma ameaça severa para o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes em sua vida cotidiana.

Foco na aprendizagem e desenvolvimento

A busca por trajetórias de sucesso escolar passa pela compreensão de que todas as pessoas têm direito à educação e podem aprender. Aprendizagem é um processo contínuo de aquisições que ocorrem durante toda a vida do indivíduo, ou seja, desde a vida intrauterina até a mais avançada idade. Os desenvolvimentos cognitivo, emocional, físico e social consistem em transformações que alteram a maneira de a pessoa compreender e realizar suas interações com o mundo, com os outros e consigo mesma, bem como são o resultado contínuo dessas aprendizagens. É papel da escola ensinar, gerando situações que ajudem crianças, adolescentes e jovens a aprender e, conseqüentemente, desenvolver-se, reconhecendo os diferentes ritmos de aprendizagem de cada pessoa.

Acompanhamento do ensino e da aprendizagem

Os processos de ensino e de aprendizagem ocorrem a partir de diferentes condições e ritmos, tornando importante as práticas de acompanhamento. Diante de estratégias diversificadas de avaliação ao longo das aulas, professores

e professoras podem identificar estudantes que precisam de mais apoio ou adaptações e fazer intervenções mais assertivas, o que é essencial para assegurar trajetórias de sucesso escolar. Gestores escolares, por sua vez, promovem acompanhamentos mais amplos a partir dos resultados da turma e gestores de rede levantam dados das escolas a fim de construir uma visão sistêmica que subsidie a política educacional e o apoio às escolas em suas diferentes necessidades.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM:

Ícone com três estudantes interligados por um balão de fala com um livro aberto dentro. Os/as estudantes estão representados por suas cabeças. Um é negro e os outros dois são brancos.

Equidade

Os indicadores de distorção idade-série, entre outros, demonstram que a cultura do fracasso escolar não atinge todas as populações igualmente. As desigualdades despertam a necessidade de trabalhar em busca da equidade, o que significa adaptar o funcionamento cotidiano da escola, suas condições materiais e emocionais às necessidades e possibilidades de cada pessoa e território, identificando o que é comum e o que é específico. Trata-se de proporcionar ações diferenciadas em busca da igualdade de oportunidades e do direito de aprender, promovendo o desenvolvimento de todos com base em um repertório comum que se diversifica e se amplia conforme a necessidade de cada indivíduo que compõe o grupo. Assim, o papel da escola é gerar condições para que todas e todos aprendam e o da rede de ensino, possibilitar que as escolas contribuam significativamente para a aprendizagem de crianças, adolescentes e jovens. São conceitos próximos ao de equidade: dignidade, honestidade, honradez, imparcialidade, justiça.

Educação inclusiva

A educação inclusiva considera que as pessoas têm singularidades advindas de suas condições sociais, emocionais, físicas e intelectuais e busca promover práticas educativas regidas pelo princípio da equidade. Considerando o contexto da TSE, isso implica oferecer a todas as crianças, adolescentes e jovens – principalmente àqueles que já estão em situação de distorção idade-série – ações



DESCRIÇÃO DA IMAGEM:

Ícone com três pessoas sentadas em uma mesa, sendo que uma está com um computador. Duas são negras e uma possui o rosto avermelhado.

VISÃO GERAL DA TSE

diferenciadas de acordo com suas necessidades e possibilidades. Representa, ainda, eliminar as barreiras que proporcionam as desigualdades de acesso à educação. É papel da escola gerar um ambiente em que todas e todos aprendam com sentido e participem ativamente da sociedade.

Conheça dois materiais disponibilizados pelo UNICEF sobre o tema:



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Reprodução de tela da websérie Educação Inclusiva. O título é “Teaser Websérie Educação Inclusiva na promoção de Trajetórias de Sucesso Escolar – UNICEF Brasil”. Duas mulheres conversam com enquadramento na parte superior do corpo. A mulher à esquerda observa a mulher à direita. Esta se comunica em LIBRAS. Logos do UNICEF, ícone “Inscreva-se”.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/webserieTSE> ou no código QR.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação referida com título “Trajetórias de Sucesso Escolar – Caderno de Recomendação Educação Inclusiva,” logo do UNICEF e foto de estudante em quadra esportiva com enquadramento em seu corpo inteiro.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/recomendacaoTSE>
ou no código QR.

Diversidade

Respeitar a diversidade significa atuar pela igualdade de direitos, valorizando as diferenças que existem entre as pessoas e combatendo ativamente qualquer tipo de exclusão e discriminação, seja de origem física, étnica, cultural, de gênero, socioeconômica ou etária – reconhecer os direitos humanos e valorizar as diferenças são formas de desconstruir a desigualdade. ATSE acredita que a escola é espaço de valorizar a diversidade, e que somente abordando essa questão no cotidiano com toda a comunidade escolar será possível gerar transformações sociais para que todos/as aprendam e criem um clima institucional inclusivo.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Ícone com ilustração de um grupo de pessoas diversas dispostas lado a lado e abraçadas. Há 2 mulheres, uma ruiva e uma negra, e 2 homens, um branco e um negro.

Território

A escola está situada em um território específico, repleto de características físicas, relações, histórias e afetos. Ela impacta o território e é impactada por ele. Ensinar e aprender em um centro urbano não é o mesmo que ensinar e aprender em uma escola do campo, das águas e das florestas. O Projeto Político Pedagógico de uma escola quilombola, indígena ou ribeirinha é diferente do de uma escola periférica em uma metrópole. Sendo assim, o planejamento da escola precisa considerar as características locais e dialogar com elas, ainda mais no caso de estudantes em situação de distorção idade-série, que precisam ter seus conhecimentos da vida reconhecidos e valorizados. Contudo, é fundamental que não se restrinja os conteúdos de ensino ao que os e as estudantes já conhecem – é possível promover atividades educativas com base na cultura local, mas também contemplar o patrimônio cultural da humanidade de forma mais ampla, pois eles e elas também têm o direito de conhecer.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Ícone com ilustração de um globo terrestre sorrindo com 3 pessoas de pé em cima dele, sendo uma pessoa branca, uma negra e outra parda.

“Nossa principal característica é a diversidade.

Não existe a Amazônia, existem as Amazônias.”

Técnico/a da SEED Amapá, durante o diagnóstico do Programa Travessia.

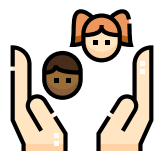
VISÃO GERAL DA TSE



❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Ícone com ilustração de dois balões de fala. Ao redor deles, há um círculo que conecta 4 pessoas, sendo uma branca, duas pardas e uma negra.

Participação e escuta

A gestão democrática é um dos princípios que devem reger o ensino público no país segundo o artigo 206 da Constituição Federal. Como membros da comunidade escolar, estudantes têm direito a participar das decisões da vida escolar e, também, de manifestar-se mediante processos contínuos de escuta. A participação social pode ser aprendida e a escola é o espaço ideal para isso. A escuta intencional de crianças, adolescentes e jovens é ainda mais relevante nos casos de estudantes que tiveram suas trajetórias escolares afetadas, pois é preciso identificar o que aconteceu neste processo e, também, como aprendem mais e melhor – somente eles e elas poderão contribuir com essas informações mediante a constituição de um espaço seguro de fala. Isso é ainda mais importante quando consideramos o trabalho com as juventudes, que são tão diversas e complexas. Para além da abertura à participação e escuta no cotidiano, é essencial que sejam promovidos momentos intencionais de escuta e participação, como as assembleias de classe e o grêmio estudantil, por exemplo. São oportunidades para que estudantes exerçam a voz ativa, apresentando sugestões, críticas e promovendo ações (eventos, debates, palestras, campeonatos etc.). Esse exercício contribui para a formação e enriquecimento educacional, representando os primeiros passos na vida social, cultural e política de cada cidadão e cidadã.



❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Ícone com ilustração de mãos de lado. No meio delas, há o rosto de uma garota branca e um garoto negro.

Rede de proteção à criança e ao adolescente

A rede de proteção é constituída por serviços da área da educação, saúde, assistência social, segurança pública e outras, que por meio de seus atores devem articular ações no sentido de garantir os direitos da criança e do adolescente. ATSE recomenda a ampliação da parceria da escola com os equipamentos e agentes dessa rede, de forma que observem e acompanhem as e os estudantes que já estão em situação de distorção idade-série, já que sabemos que esta condição pode ser influenciada também por fatores extraescolares. Fundamentalmente, a educação deve ser fator de proteção de

crianças e adolescentes e tem o dever de prevenir e dar resposta aos diferentes tipos de violência.

Conheça um material disponibilizado pelo UNICEF sobre o tema:

Comunidade escolar na prevenção e resposta às violências contra crianças e adolescentes



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação referida com título “Curso – Comunidade escolar na prevenção e resposta às violências contra crianças e adolescentes,” logo do UNICEF.

CONSULTE

No link www.bit.ly/prevencaoTSE ou no código QR.

Colaboração

A colaboração entre os entes federados – União, estados e municípios – foi assegurada no artigo 211 da CF de 1988 como estratégia na busca por equidade, de forma a garantir que as crianças, adolescentes e jovens brasileiros não tenham mais ou menos direitos em função da localidade ou da rede em que estão matriculados. A cooperação interfederativa e a colaboração, de forma mais ampla, são condição estruturante para o rompimento da cultura do fracasso escolar e podem ser exercidas em diferentes níveis:



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Ícone com ilustração de mãos de uma pessoa de pele clara e de pessoa de pele negra sobre duas peças de um quebra-cabeça.

VISÃO GERAL DA TSE

- Dentro da escola – escola como comunidade de aprendizagem
- Entre escolas – trabalho em rede
- Com a sociedade – com as famílias, com atuação intersetorial e com universidades
- Entre os municípios – consórcios e Arranjos de Desenvolvimento da Educação (ADE)¹¹
- Federativa – com municípios, estados e União

A estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar propõe que estudantes em situação de distorção idade-série sejam atendidos em regime de colaboração ampla entre estados e municípios, e mediante a articulação com diferentes

Secretarias e órgãos do poder público, iniciativa privada e organizações sociais, de modo a constituir uma rede de proteção e atenção para essas crianças e esses adolescentes e jovens.



CONSULTE

Saiba mais sobre essa visão de colaboração ouvindo o Professor Dr. Fernando Abrucio no link www.bit.ly/abruciocolaboracao ou no código QR.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Ícone com ilustração de balões de fala dentro de um quadrado com pessoas ao redor dele.

Formação continuada

Refere-se ao processo de desenvolvimento profissional que acontece no contexto do trabalho na escola. É composto pelos encontros formativos promovidos nos horários de trabalho pedagógico coletivo (em suas mais diversas nomenclaturas), mas também pelas análises de cadernos e atividades das e dos estudantes, tematização de práticas, acompanhamento do planejamento e/ou sua realização

¹¹ Os Arranjos de Desenvolvimento da Educação (ADEs) são constituídos por grupos de municípios com proximidade geográfica, que buscam trocar experiências e solucionar de forma articulada questões na área educacional, sem que seja necessária uma constituição jurídica para este agrupamento. Os consórcios, por sua vez, são agrupamentos jurídicos formados por dois ou mais entes federados (municípios, estados, União), sem fins lucrativos, que se formam para prestação de serviços públicos e desenvolvimento de ações conjuntas.

de forma conjunta, troca de práticas entre os professores e professoras, valorização dos registros reflexivos, entre outros. Pensando na formação como um processo permanente da vida de educadores e educadoras, cada um deve manter, também, uma rotina de estudos pessoais e buscar outros cursos que contribuam para sua atuação. Formação em serviço e autodesenvolvimento são, portanto, processos complementares.

Mapa com as ações de cada ator

A implementação de programas de enfrentamento da cultura do fracasso escolar depende de muitos atores. Analise o mapa a seguir, que traz as ações e explicita essas importantes articulações, entre Secretarias de Educação – tanto municipais quanto estaduais – e as outras instâncias que participam do desenvolvimento da estratégia. No caso das Secretarias Estaduais de Educação há uma instância regional que não está presente nos municípios.

Note, também, como as **premissas** que acabamos de apresentar estão presentes nas diferentes ações.

VISÃO GERAL DA TSE



	MOBILIZAÇÃO	DIAGNÓSTICO	PLANEJAMENTO	IMPLEMENTAÇÃO
Secretaria de Educação	Constituir grupo de trabalho responsável pela implementação do programa e pela agenda do combate à cultura do fracasso escolar em toda a rede. Promover a sensibilização, adesão e contínua mobilização das escolas. Formação da equipe técnica, gestores escolares e professores.	Mobilizar profissionais e elaborar diagnóstico. Mobilizar parcerias para ampliação das oportunidades educacionais e fortalecimento da rede de proteção intersetorial.	Elaborar a proposta do programa. Assegurar as regulamentações e apoios necessários, como os Conselhos de Educação, para aprovação. Elaborar plano de ação anual e revisá-lo periodicamente. Fazer adaptações necessárias para assegurar e validar a documentação da vida escolar de estudantes. Assegurar equipe das escolas para a implementação do programa. Planejar processos e instrumentos de acompanhamento e avaliação do programa. Prever orçamento e mobilizar recursos viabilizando as condições necessárias.	Orientar e apoiar o acompanhamento e avaliação do programa com as escolas. Promover formações com equipe envolvida. Constituir uma governança para apoiar na implementação e no acompanhamento do programa, se possível em regime de colaboração. Escutar estudantes periodicamente. Orientar o encaminhamento de estudantes caso demandem apoio da rede de proteção intersetorial. Buscar o aprimoramento de ações, instrumentos e processos. Compartilhar resultados do programa. Elaborar proposta curricular ajustada ao programa e garantir materiais pedagógicos.

continua



Regional de ensino (RE) da SEE

MOBILIZAÇÃO	DIAGNÓSTICO	PLANEJAMENTO	IMPLEMENTAÇÃO
Prever ponto focal responsável. Promover e reportar adesões das escolas ao programa. Pautar o tema da cultura do fracasso escolar com o território. Mobilizar as escolas e municípios continuamente. Formar e apoiar a gestão escolar e professores.	Orientar e apoiar as escolas e municípios na elaboração e análise do diagnóstico. Mobilizar parcerias, principalmente quanto à ampliação das oportunidades educacionais e fortalecimento das redes de proteção intersetorial.	Apropriar-se da proposta do programa, compartilhando-a para que se efetive nas escolas. Apoiar as escolas na implementação, assegurando suas premissas e os ajustes nas documentações e processos. Apropriar-se de orientações complementares sobre o currículo priorizado para orientar escolas. Apoiar os processos de acompanhamento e avaliação do programa, orientando as escolas.	Acompanhar e avaliar a implementação com os municípios e escolas. Promover formações com profissionais envolvidos das escolas e municípios. Escutar estudantes periodicamente. Orientar escolas sobre o encaminhamento de estudantes que demandem apoio da rede de proteção intersetorial. Avaliar periodicamente e compartilhar os resultados do programa com SEE e apoiar as escolas e municípios às suas especificidades.

continua

VISÃO GERAL DA TSE



	MOBILIZAÇÃO	DIAGNÓSTICO	PLANEJAMENTO	IMPLEMENTAÇÃO
Gestão escolar	Notificar a adesão ao programa. Pautar o tema da cultura do fracasso escolar. Formar sua equipe escolar	Elaborar diagnóstico sobre o atraso escolar em sua unidade. Mobilizar parcerias, para ampliação das oportunidades educacionais e fortalecimento da rede de proteção intersetorial. Apoiar e orientar professores no diagnóstico das turmas.	Apropriar-se do programa, apoiando a equipe e mobilizando o conselho escolar. Elaborar plano de ação anual e revisá-lo periodicamente. Adaptar a documentação da vida escolar de estudantes conforme orientações da Secretaria. Levantar e notificar a necessidade de recursos para assegurar as condições necessárias à realização do programa, inclusive o quantitativo de professores. Organizar as turmas de estudantes de acordo com as referências da proposta. Organizar os tempos e espaços para o ensino. Participar e assegurar a formação na escola e na rede. Implementar as ações do programa, adaptando à sua realidade.	Garantir e participar das formações da rede e da escola e colaborar com outras escolas. Planejar, avaliando continuamente e ajustando à realidade da sua comunidade escolar. Cuidar das transições e integração da equipe. Escutar estudantes periodicamente. Zelar pela boa convivência escolar. Valorizar os saberes de estudantes. Orientar o desenvolvimento de projetos de vida. Promover os conselhos de classe. Identificar e encaminhar casos que demandem apoio da rede de proteção. Incluir as ações do programa no PPP. Avaliar e compartilhar os resultados do programa.

continua



	MOBILIZAÇÃO	DIAGNÓSTICO	PLANEJAMENTO	IMPLEMENTAÇÃO
Professores	Sensibilizar para a adesão das e dos estudantes e suas famílias. Responsabilizar-se pela sua formação e participar das ações formativas.	Participar do diagnóstico da escola. Realizar o diagnóstico da turma.	Apropriar-se da proposta do programa. Elaborar planejamento, considerando as necessidades, e com foco nas aprendizagens essenciais. Comunicar a gestão escolar sobre os recursos necessários para planejamento. Apoiar a organização das turmas de estudantes. Apoiar a organização dos tempos e espaços de ensino.	Participar das formações promovidas pela escola e rede. Escutar estudantes periodicamente. Zelar pela boa convivência escolar e em sala de aula. Valorizar os saberes de estudantes, dando visibilidade para suas produções. Apoiar o desenvolvimento de projetos de vida. Participar dos conselhos de classe. Identificar e encaminhar casos que demandem apoio da rede de proteção intersetorial. Realizar avaliação processual e permanente. Compartilhar resultados e desafios do desenvolvimento da proposta com a gestão da escola, estudantes, famílias e parceiros. Comunicar para a gestão escolar experiências significativas do trabalho na sala de aula.

continua

VISÃO GERAL DA TSE



	MOBILIZAÇÃO	DIAGNÓSTICO	PLANEJAMENTO	IMPLEMENTAÇÃO
Estudantes	Entender como a escola apoia o sucesso da trajetória escolar e compartilhar essa possibilidade com outros e outras estudantes.	Contribuir para o diagnóstico de sua escola.	Dialogar com professores e gestão escolar sobre suas expectativas para as aulas e para seu projeto de vida.	Aprender e se desenvolver junto a seus pares. Participar dos momentos de escuta e buscar ativamente professores e gestão escolar sempre que tiver ideias ou necessite de apoios. Construir seu projeto de vida. Zelar pela boa convivência escolar. Compartilhar seus saberes prévios e informações sobre sua realidade.
Familiares/ Responsáveis	Entender como a escola apoia o sucesso da trajetória escolar das e dos estudantes e compartilhar essa possibilidade com outros familiares e responsáveis.	Contribuir para o diagnóstico da escola.	Dialogar com professores e gestão escolar sobre suas expectativas e de suas crianças/ adolescentes para as aulas.	Acompanhar o desempenho do/a adolescente/jovem, valorizando seus avanços e dialogando com a escola. Contribuir para as atividades da escola. Apoiar o projeto de vida do adolescente/jovem. Reconhecer os saberes e a capacidade de aprendizagem do adolescente/jovem.

Mapa com as ações de cada ator

No link ou no código QR você pode fazer download de um pôster com o mapa completo das páginas 42 a 46. Sugerimos que analise com sua equipe as linhas horizontais com as ações de cada ator, mas também as colunas que demonstram a articulação entre as ações dos diferentes atores em cada eixo. Você verá, por exemplo, que todos os atores realizam um diagnóstico, mas cada um em uma instância diferente. Enquanto a Secretaria faz diagnóstico da situação de distorção idade-série no estado ou município, gestores escolares olham para o diagnóstico da escola e professores fazem o diagnóstico de suas turmas. Explore essas diferentes relações, avaliando como esses fluxos de trabalho podem ser fortalecidos em sua realidade.

	MOBILIZAÇÃO	DIAGNÓSTICO	PLANEJAMENTO	IMPLEMENTAÇÃO
Secretaria de Educação	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série no estado ou município.
Gestores escolares	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na escola.
Professores	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma.	• Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma. • Realizar o diagnóstico de situação de distorção idade-série na turma.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Miniatura do pôster disponível para download, com o mapa de atores e as ações por eixo.



CONSULTE
No link <https://bit.ly/mapaacoes>
ou pelo código QR.



Orientações para os diferentes momentos de cada programa

Os programas locais alinhados à TSE têm um período de existência na escola. Podemos pensar que eles nascem quando há a demanda na escola, e assim crescem e se tornam robustos, impactando vidas e transformando a cultura da escola, deixando de existir quando não são mais necessários. Nesse sentido, **estamos implementando um programa que desejamos que tenha fim!** Isso é verdade, desde que a sua finalização ocorra em razão da ausência de estudantes em situação de distorção idade-série ou, mais provavelmente, quando as ações se integrarem tanto ao projeto político pedagógico da escola e a cada rede educacional que já não sejam reconhecidas como um programa “adicional”.

A experiência da TSE junto aos estados que implementaram seus programas locais de enfrentamento da cultura do fracasso escolar mostra que, quando a escola é convidada a aderir ao programa pela Secretaria de Educação, há um esforço da gestão escolar e da equipe no sentido de compreender o programa local e como ele dialoga com o Projeto Político Pedagógico da escola, momento que inclui o diagnóstico inicial.

Uma vez concluída a **adesão da escola**, que é orientada na normativa que regulamenta cada um dos programas estaduais, passa-se a um momento intenso de investir em planejamento e implementação que inclui a organização das turmas, a formação de professores para a proposta curricular diferenciada,

a comunicação com estudantes e familiares e o fortalecimento dos conselhos de classe para acompanhamento e avaliação, entre outras atividades. Neste momento, o conselho escolar pode potencializar as ações da gestão. Analisando essas diferentes realidades percebemos que, **ao mesmo tempo que o programa dispõe de particularidades de cada estado, a implementação é única em cada escola porque é atravessada pelas suas características, seus desafios e potencialidades.**



Território

Inicialmente é comum que nem todos da equipe docente compreendam ou concordem plenamente com as adaptações necessárias ao programa. É comum, nas escutas às equipes envolvidas, ouvir falar da **“mudança de paradigma”** que os programas representam para o planejamento docente. Sabemos que as e os professores querem muito acertar com seus e suas estudantes, mas enfrentam desafios diários como a falta de condições para o ensino, a atuação em várias escolas e a ausência de **formação continuada** que apoie nos dilemas do cotidiano e em seu aperfeiçoamento profissional, entre tantos outros. A avaliação realizada com os quatro estados revelou um padrão: muitos professores e professoras foram compreendendo e aderindo a esse modo diferente de atuar com as turmas do programa enquanto ele ia acontecendo, na medida em que observavam os ganhos para suas turmas e mediante o apoio da gestão escolar, além da preciosa troca com seus pares.



Formação
continuada

Dicas para as escolas que estão iniciando no programa

“Para uma dinâmica de mobilização é preciso acreditar que existe sempre alguma coisa que uma pessoa pode fazer para que os objetivos sejam alcançados, que todos têm como e por que participar(...).”

Bernardo Toro e Nisia Werneck*

- Estude profundamente o documento de referência do programa, assim como os materiais que o acompanham. Momentos de estudo coletivo podem ampliar as compreensões a partir das várias visões. Anote as dúvidas e inquietações para que sejam discutidas com a equipe responsável pela implementação do programa em cada rede educacional.
- Invista tanto na análise coletiva da situação da escola quanto sobre a distorção idade-série para que possam buscar e dar sentido à implementação do programa alinhado à TSE.
- Mantenha um diálogo aberto com a comunidade escolar, acolhendo as dúvidas e angústias, validando-as e buscando a compreensão sobre o que representam, considerando o lugar de quem as manifesta, evitando julgamentos. A participação e a escuta são premissas do programa e precisamos ser coerentes, ampliando-as para além do grupo de estudantes.
- Busque sempre envolver lideranças de cada segmento da comunidade escolar nos momentos-chave do programa, como no diagnóstico, na elaboração do plano de ação e nos momentos de acompanhamento e avaliação. Ainda que pareça mais ágil centralizar essas atividades na gestão, é o envolvimento dos demais que favorecerá o engajamento desses atores, para que possam, por sua vez, mobilizar mais pessoas em um sentido comum.
- Busque informações sobre aspectos práticos da implementação com a equipe responsável pelo programa da rede educacional e com escolas que já estão há mais tempo. São exemplos disso: como fazer os devidos registros na matrícula e nos documentos estudantis nas turmas do programa; como organizar a carga horária de professores mediante alterações na matriz curricular do programa; como conduzir o acompanhamento e avaliação diferenciada de estudantes em conjunto com o conselho de classe; entre outras.

* Toro, José Bernardo; Werneck, Nisia Maria Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

Escolas que já passaram do primeiro ano do programa podem ter menos desafios no sentido de sua compreensão ou mesmo na organização das turmas e da equipe de professores. No entanto, **precisam cuidar constantemente para que os fluxos relevantes à sua plena efetivação sejam mantidos e aprimorados.** Por exemplo, é possível que no início do programa tenham investido bastante na comunicação com estudantes e familiares. Com o tempo, isso pode parecer menos relevante, já que muitos conhecem como funciona, mas, para o ou a estudante que está entrando, e sua família, pode ser algo novo, considerando eventuais inseguranças que demandam um espaço seguro de diálogo. Outro desafio é a troca de profissionais na equipe, que exige uma dedicação a mais da gestão escolar até que o novo ou a nova profissional se integre à proposta. E, assim, as ações da gestão escolar vão se movimentando no sentido de manter a mobilização da comunidade escolar interna e externa em torno da causa.

Cada um desses momentos exigirá adaptações das orientações de cada eixo, mas eles sempre estarão lá! Veremos isso agora, na exploração sobre cada eixo da estratégia e suas recomendações.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Três elipses com uma intersecção ao meio. A elipse laranja possui dentro a palavra “Diagnóstico”. A verde possui a palavra “Planejamento”. A cor-de-vinho possui o termo “Implementação”. Na intersecção entre as três elipses aparece, em preto, a palavra “Mobilização”.





DIAGNÓSTICO

"A melhor prática para sabermos se iremos chegar ao nosso destino final é fazer sempre um diagnóstico de como estamos, dos recursos que dispomos e dos desafios que iremos enfrentar. Trajetórias de Sucesso Escolar são percorridas quando gestores, professores e estudantes participam efetivamente da construção desse diagnóstico. Ele é o ponto de partida essencial que gera sentimento de pertencimento, compromisso e visão de futuro para todos que fazem parte de uma bela jornada."

Monica Pinto

"A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam incrementadas em seu interior."

Isabel Solé

O que considerar no eixo do diagnóstico	54
Mão na massa, gestores e gestoras escolares	61
Mão na massa, professores e professoras	71
O que fazer para aprimorar o diagnóstico	79

▮ ▮ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Adolescente negra com cabelo preso escreve sentada no chão na frente de um sofá bege em um caderno apoiado em uma mesa de centro. Na mão esquerda ela segura um celular.

O que considerar no eixo do diagnóstico

A coordenadora pedagógica Mariana e o professor Saulo, de matemática, conversam sobre o início de uma turma de um programa alinhado à TSE, que une estudantes matriculados no 6º e 7º ano do Ensino Fundamental. Ao saber que vai lecionar para uma turma composta apenas por estudantes em situação de distorção idade-série, o professor demonstra preocupação:

Prof. Saulo: *Eu participei da discussão que vocês fizeram sobre o diagnóstico do atraso escolar aqui na escola e fiquei pensando como eu ainda não tinha percebido que tínhamos tantos estudantes nessa situação de distorção idade-série. Vou te dizer uma coisa, estou preocupado com este cenário e em como vou conseguir dar conta desta turma. Estou pensando, será que devo iniciar pelo ensino do algoritmo de multiplicação e divisão...*

Coord. Mariana: *Calma, Saulo! Primeiro, precisamos saber o que eles já sabem, para planejarmos boas situações de ensino para que avancem nos estudos. Mas, antes, vou relatar algumas histórias dos estudantes que compõem essa turma, não como justificativa da condição em que estão, mas para entendermos que muitas vezes eles abandonaram a escola, voltaram, repetiram... Por isso chegaram há mais de dois anos de atraso, foi se naturalizando este vai e vem, sabe? Vamos lá... A Ketlin, por exemplo, atrasou um ano por conta de faltas e o outro foi no período da pandemia, pois sua família teve que mudar de casa e acabaram não*

fazendo a matrícula naquele ano. Já a Luana eu me lembro que ia muito bem nas outras matérias, mas sempre apresentou muita dificuldade em matemática, tanto que ela diz sempre que nunca vai conseguir aprender e já ficou reprovada duas vezes. O Antônio abandonou a escola várias vezes por diferentes motivos, ora pela perda da avó, seu porto seguro, ora pela influência de colegas, entre outras razões. A Maria abandonou, voltou e faltava muito por morar numa área de difícil acesso ao transporte escolar. Bom, são muitas histórias, mas te conto isto porque temos que encantá-los, encorajá-los para este novo momento de suas vidas.

Prof. Saulo: *Mariana, é bom saber destas histórias e de outras que vamos conhecer para que possamos contribuir com os projetos de vida de cada um. Vi que já organizou um grupo de professores que irá trabalhar com essa turma. Que bom!*

Coord. Mariana: *O próximo passo será um momento de escuta de estudantes sobre sua trajetória e avaliação diagnóstica. E voltaremos a conversar.*

A escuta foi organizada por um grupo de professores, diretora e coordenadora. Definiram as perguntas, o local, a data, quem coordenaria cada grupo e já anteciparam como iriam tratar as valiosas escutas. Foi feita uma cuidadosa convocação para este dia, os e as familiares participaram de um encontro para que soubessem da importância deste momento.

O grupo de professores, juntamente com a coordenadora Mariana, elaborou o diagnóstico para saber o que cada estudante sabia. Este momento causou um grande reboliço, pois é muito comum elaborar um diagnóstico e colocar expectativa no que os estudantes ainda não sabem. Agora, o foco era observar cuidadosamente o que já sabiam nas diferentes áreas. Deu certo!

Depois disto tudo, o professor Saulo e a coordenadora pedagógica Mariana se encontram novamente:

Prof. Saulo: *Mariana, eu estou bastante comovido com o resultado desta escuta. Nunca tinha pensado na potência deste momento. Na sala que fiquei, tive a oportunidade de olhar e ouvir cada um deles, pois a conversa foi se avolumando quando perceberam que podiam falar e que a minha presença era para puxar conversa, e não dar respostas. Como estava à vontade com eles, “puxei a sardinha” para a minha área. Nossa, alguns disseram: “matemática é difícil, às vezes vocês professores nem perguntam se entendemos e já vão para frente”, outros disseram “vocês dão muito exercício, mas nem chegam perto da gente para saber se temos dúvidas.” Ao ouvi-los fiquei pensando, Mariana, temos muitos indicadores para pensarmos na composição de grupos que possam trabalhar juntos.*

Coord. Mariana: *na conversa com os demais professores, percebemos que realmente os motivos que provocam essa situação de distorção idade-série são diversos. Muitos colegas se surpreenderam com os sonhos e desejos de vencerem! Alguns querem ser professores, médicos, advogados, DJ, cantor, jogador de futebol....*

Prof. Saulo: *Ah! Estava esquecendo de te falar que também fiquei chocado com três meninas, lá na minha sala, que contaram que reprovaram por 0,5 ponto, e justamente em matemática.*

Coord. Mariana: *E sobre a avaliação diagnóstica, o que você identificou? Lembro que estava preocupado e já queria iniciar com o ensino do algoritmo de multiplicação e divisão. E agora?*

Prof. Saulo: *Muitos colegas se surpreenderam com o que a turma já sabe.*

Confesso que foi difícil, pois é mais fácil ver o que não sabem... a sua proposta foi desafiadora!

Sobre o que já sabem: 70% da turma resolve situações problemas que envolvem números naturais de grandeza alta (mais que 100). 60% resolveu problemas com a ideia da multiplicação envolvendo números racionais. 52% resolveu problemas com a ideia da divisão envolvendo números racionais. Notei ainda, em 10%, a dificuldade de compreender a situação proposta e identificar uma estratégia de resolução, mesmo com o apoio à leitura. Mais da metade da turma resolve problemas envolvendo as ideias da multiplicação e da divisão, mesmo sem o uso formal do algoritmo dessas operações. Mariana, se eu tivesse apenas observando o que não sabem, não chegaria a esta conclusão.

Coord. Mariana: *Saulo, estou feliz pelas suas reflexões e, agora, vamos pensar que você já possui alguns dados para planejar atividades que permitam que estes estudantes possam avançar deste patamar de conhecimento. Eles precisam se sentir autorizados para se arriscar, perguntar, e você deve incentivá-los a acionar seus conhecimentos e experiências anteriores, pois não devemos nos esquecer de que muitos deles já se aproximaram destes conteúdos.*

Que conversa boa! Quantas reflexões! O mais bonito desta conversa é observar a construção de alternativas, possibilidades para apoiar, de fato, a trajetória escolar dessa turma.

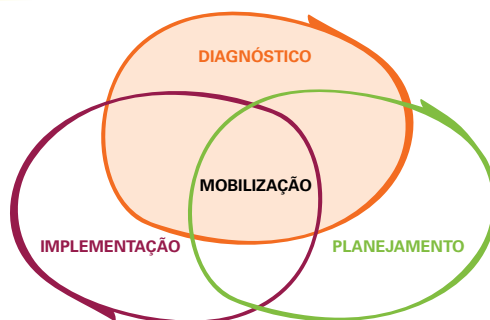
Podemos destacar duas perspectivas para o diagnóstico:

- **Diagnóstico da escola:** é conduzido pela gestão escolar junto à comunidade escolar e tem como objetivo a compreensão sobre a situação do atraso escolar na escola. Apoia o planejamento da escola e precisa ser realizada inicialmente e atualizada anualmente.

DIAGNÓSTICO

- **Diagnóstico da turma:** é conduzido pela equipe docente, com o apoio da coordenação pedagógica. Por meio dele é possível compreender mais sobre cada estudante da turma, envolvendo tanto a escuta de estudantes quanto atividades pedagógicas diversificadas que servirão de diagnóstico para compreender suas aprendizagens nos diferentes componentes.

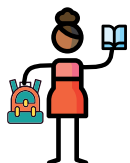
Em ambos os casos, é importante considerar que **diagnosticar implica analisar uma situação para compreendê-la, e assim buscar alternativas para a modificação de um cenário.**



- ▮ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Três elipses com uma intersecção ao meio. A elipse laranja possui dentro a palavra “Diagnóstico” e está em destaque. A verde possui a palavra “Planejamento”. A cor-de-vinho possui o termo “Implementação”. Na intersecção entre as três elipses aparece, em preto, a palavra “Mobilização”.

Um bom diagnóstico é fundamental para que a intervenção seja mais assertiva! Ainda assim, sabemos que não é trivial analisar uma realidade tão dura quanto o cenário de atraso escolar e a cultura do fracasso escolar. Trata-se de um **assunto que mexe com concepções e emoções** e, diante das mais diversas reações, é preciso exercitar a escuta, o acolhimento e o diálogo, já que o que queremos é a mobilização e o engajamento de cada pessoa envolvida nesta causa.

A condução da gestão escolar e a participação de sua equipe podem apoiar o grupo que está envolvido no diagnóstico a entender que esse não é um problema exclusivo da sua escola, mas que integra uma **realidade mais abrangente** provocada por um sistema escolar que historicamente o reproduz.



Desnaturalização
da cultura do
fracasso escolar

A cultura da reprovação

Durante a condução do diagnóstico é frequente que se observem falas relacionadas à **cultura da reprovação**, que se manifesta pelo amplo percentual histórico de reprovações e parte da compreensão de que esse grande contingente de estudantes pode se beneficiar da repetição de um ou mais anos escolares.

São muitos os motivos que fazem com que uma pessoa que está estudando seja reprovada, desde a intenção de que ela se “prepare mais, já que não tem condições de acompanhar os anos posteriores”, quanto questões de disciplina, na linha de “não é justo que tal estudante passe de ano se ele não se esforçou tanto quanto os outros”. Mas, hoje, já temos o conhecimento de que a cultura da reprovação incide fortemente sobre as trajetórias escolares de crianças, adolescentes e jovens. Combinada com características pessoais e limitações de acesso decorrentes das desigualdades sociais, ela faz aumentar a incidência de abandono. Entretanto, não é fácil modificar uma cultura. O artigo “Pedagogia da repetência”*, escrito por Sérgio Costa Ribeiro em 1991, demonstra aspectos que poderiam ainda ser reconhecidos na atualidade:

“Mesmo correndo o risco de ser simplista e reducionista, achamos que **a prática da repetência está na própria origem da escola brasileira**. O mesmo modelo de ensino da elite, onde o papel do professor era muito mais de preceptor da educação orientada pela família do que auto-suficiente, do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem. É como se a escola tivesse apenas um papel de administradora da educação formal, que seria realizada em casa pela família.

As análises antropológicas até hoje realizadas mostram claramente na cultura do sistema **a imputação do fracasso escolar, ora aos próprios alunos, ora a seus pais, ora ao sistema sociopolítico, raramente aos professores, sua formação ou à organização escolar**.

Parece que **a prática da repetência está contida na pedagogia do sistema** como um todo. É como se fizesse parte integral da pedagogia, aceita por todos os agentes do processo de forma natural. A persistência desta prática e da proporção desta taxa nos induz a pensar numa verdadeira metodologia pedagógica que subsiste no sistema, apesar de todos os esforços no sentido de universalizar a educação básica no Brasil.”

* Ribeiro, S. C. (1991). A pedagogia da repetência. Estudos Avançados, 5(12), 07-21. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/JyfPSdxSCrxKHxV6H3whNNz/>

DIAGNÓSTICO



Rede de proteção
à criança e ao
adolescente

Nessa perspectiva, é preciso compreender que a distorção idade-série é uma questão complexa, que exige a constituição de uma **rede de proteção** e atenção à criança e ao adolescente e uma rede de apoio às equipes gestoras das escolas e aos professores. Assegurar a mobilização de todos esses agentes envolvidos será fundamental ao longo de todo o processo de implementação do programa, entendendo que o engajamento e participação efetiva passam pela compreensão da importância que as ações têm no rompimento da cultura do fracasso escolar e na busca por trajetórias escolares de sucesso para cada estudante. Veja materiais que podem apoiar o diagnóstico:



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela de vídeo com fundo branco, logo do UNICEF e texto “O papel dos gestores escolares no diagnóstico”.



CONSULTE

Veja um exemplo de uma análise em uma escola, confira no link <https://bit.ly/curso-diagnosticoTSE> ou no código QR.



“Guia com orientações para a elaboração do Diagnóstico - Para gestores de rede, gestores escolares e professores”.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação com foto de dois estudantes em sala de aula, texto “Trajetórias de Sucesso Escolar: Guia com orientações para a elaboração do Diagnóstico - Para gestores de rede, gestores escolares e professores” e logos do UNICEF (realização), Instituto Claro (parceiro estratégico), Itaú Social (apoio) e Comunidade Educativa CEDAC (parceiro técnico).



CONSULTE

No link <https://bit.ly/guiadiagnosticoTSE> ou no código QR.

Mão na massa, gestores e gestoras escolares

Etapas do diagnóstico da escola:



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Diagrama com quatro setas sequenciais em tons diferentes de cor de laranja apontando para a direita. Há textos em cada uma delas. Da esquerda pra direita: 1 - “Levantamento dos dados da escola e mapeamento dos recursos”; 2 - “Mapear equipamentos, ações intersetoriais e políticas da comunidade”; 3 - “Compreender o programa local e as normativas de educação relacionadas”; 4 - “Elaborar relatório do diagnóstico da escola”. Abaixo, há uma seta simples que também aponta para a direita e o texto: “Mobilização inicial dos diferentes atores”.

Levantamento dos dados da escola e mapeamento dos recursos

O diagnóstico é o ponto de partida da estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar. Um bom diagnóstico é fundamental para o planejamento e ele parte do levantamento dos dados. A gestão escolar pode iniciar apropriando-se do diagnóstico da rede, feito pela Secretaria de Educação.

Após estudar esses dados, a gestão escolar os apresenta e analisa com a equipe da sua escola, falando sobre o programa, e propõe a realização do diagnóstico da escola.

DIAGNÓSTICO

Nesse primeiro momento, é importante identificar, junto com a equipe, quais atores estratégicos dos diferentes segmentos da comunidade escolar podem agregar ao grupo que fará o diagnóstico. É recomendado envolver o conselho da escola e, se possível, estudantes e familiares – assim, o processo ficará ainda mais representativo. Contudo, sabemos que podemos encontrar escolas com diferentes níveis de participação – pode ser que, inicialmente, o diagnóstico seja feito apenas pela gestão escolar e professores, buscando ampliar a participação nas próximas ações.

Pautas para a mobilização

Disponibilizamos sugestões de pauta para mobilização de:
Professores, Estudantes, Parceiros.

CONSULTE

Acesse as pautas no link <https://bit.ly/pautasmobilizacaoTSE> ou no código QR.



Um olhar crítico sobre os dados permitirá a você e sua equipe analisar qual a situação da escola em relação à distorção idade-série. A análise pode considerar:

- Painel Trajetórias de Sucesso Escolar¹², organizado pelo UNICEF a partir do Censo Escolar – observe os dados do território e da escola em relação à distorção idade-série, abandono e reprovação escolar;
- Diagnóstico elaborado pela rede – observe como está a sua localidade em relação à outras e como está sua região em relação às demais;
- Dados de distorção idade-série no QEdu¹³ – veja análises complementares sobre a distorção idade-série em seu estado, cidade e/ou escola, como a evolução histórica dos índices por ano e mapas que favorecem a leitura por território;

12 Explore o Painel Trajetórias de Sucesso Escolar: <https://trajetoriaescolar.org.br/#mapa>

13 Acesse os dados de distorção idade-série no QEdu: <https://qedu.org.br/brasil/distorcao-idade-serie>

- Informações contidas em documentos internos da escola, como as fichas de matrícula, o Projeto Político Pedagógico (PPP), as características das turmas em documentos dos conselhos de classes, entrevistas com pais/responsáveis e com estudantes, bem como outras formas de coleta de dados que a escola disponha.

Como apoio para o diagnóstico da escola, compartilhamos um instrumento de levantamento a fim de que possam verificar o número de estudantes que estão em situação de distorção idade-série e quantos/as estão em risco.

Identificação de estudantes em distorção idade-série ou em risco						
Nome da Escola: Equipe gestora responsável: Segmentos que a escola atende: Total de professores: Total de estudantes:						
Turmas	Total de estudantes por turma	Quantos/as estão em risco de reprovação atualmente?	Quantos/as possuem 1 ano de atraso escolar?	Quantos/as possuem 2 anos de atraso escolar?	Quantos/as possuem 3 anos de atraso escolar?	Quantos/as possuem 4 anos ou mais de atraso escolar?
6º ano – A						
6º ano – B						
6º ano – C						
7º ano – A						
7º ano – B						
7º ano – C						
8º ano – A						
8º ano – B						
8º ano – C						
9º ano – A						



CONSULTE
Acesse a tabela no link <https://bit.ly/tabeladistorcaoTSE> ou no código QR.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tabela com a identificação de estudantes em distorção idade-série ou em risco. Há os seguintes campos para preenchimento: Nome da Escola; Diretora/diretor; Vice; Coordenação pedagógica; Segmentos que a escola atende; Total de professores; e Total de estudantes. Há as colunas Turmas; Total de estudantes por turma; Quantos/as estão em risco de reprovação atualmente?; Quantos/as possuem 1 ano de atraso escolar?; Quantos/as possuem 2 anos de atraso escolar?; Quantos/as possuem 3 anos de atraso escolar?; Quantos/as possuem 4 anos ou mais de atraso escolar?. Nas linhas, estão as turmas A, B e C do 6º ao 9º ano com as respectivas linhas em branco para preenchimento.



DIAGNÓSTICO

Após uma análise geral, é preciso que o diagnóstico garanta um **olhar detalhado sobre aqueles/as estudantes que já estão em situação de distorção idade-série**. Organize dados sobre quantos e quem são; quais são suas idades; onde moram (área rural ou urbana, periferias, vilas, áreas remanescentes de quilombos, aldeias etc.); em que ano escolar estão; quantos anos de atraso escolar possuem; quais os motivos do atraso escolar (reprovação, abandono para trabalhar, doença, gravidez, migração, entrada tardia na escola etc.); quais os índices de frequência à escola. A equipe pode se dividir para fazer escutas individuais e que proporcionem espaço seguro de fala (veja mais sobre isso no “mão na massa” de professores, que vem adiante).



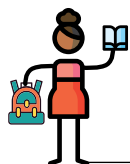
Diversidade

Esse é um momento importante para realizar possíveis associações entre os dados da distorção idade-série e as informações relativas às desigualdades socioeconômicas e às **diversidades** étnico-raciais, de orientação sexual, culturais, geracionais, de gênero etc. Esses dados podem ser organizados em tabelas e gráficos para favorecer seu manuseio e visualização. É fundamental, também, que a escola, coletivamente, verifique a situação das crianças, adolescentes e jovens com deficiência e analise se tem praticado uma **educação inclusiva**, bem como considere especificidades de comunidades tradicionais, garantindo oportunidades reais de aprendizagem para todos os públicos. Como mostram os dados, muitos desses estudantes estão em distorção idade-série, embora a legislação garanta a eles e elas organização pedagógica específica, adaptação de currículos, de métodos, de técnicas e de recursos para atender a todas as necessidades.



Educação inclusiva

Note que o diagnóstico será composto por diferentes encontros, com divisões de tarefas e posterior retorno ao grupo para compartilhamento e análise conjunta dos “achados”, assegurando o registro do processo. A condução da gestão será fundamental para assegurar que toda a comunidade escolar (professores, funcionários, estudantes e familiares/responsáveis) compreenda o objetivo de **superar a cultura do fracasso escolar** e a necessidade de assegurar oportunidades de avanços nos estudos às e aos estudantes com atraso escolar. É preciso que esse objetivo central inspire cada ação e decisão.



Desnaturalização da cultura do fracasso escolar

Essas análises da comunidade escolar podem ser compartilhadas e discutidas com outros atores do **território**, dos equipamentos de saúde, assistência social, cultura e esporte, entre outros, de forma a aprofundar as análises. Já começa aí a **mobilização dessas pessoas e instituições para o tema!**



Território

É recomendável que o diagnóstico seja retomado anualmente para que os dados sejam atualizados, cenários novos sejam considerados e, também, como momento oportuno de investimento na mobilização da equipe, envolvendo também profissionais recém-chegados/as.

Outro levantamento necessário é o dos **recursos materiais e humanos disponíveis** na escola – algumas questões podem ser importantes para esse momento:

- 1 - Como está o uso dos espaços da escola de forma geral? As aulas são realizadas em outros espaços para além das salas de aula?
- 2 - Considerando a formação de turmas específicas do programa, há sala disponível? Que reorganização pode ser feita?
- 3 - Considerando a equipe, há no grupo professores que possuem perfil ou experiência desejável para trabalhar com estudantes em situação de atraso escolar? Ou professores que, embora não possuam imediata identificação com a estratégia, podem se engajar na mesma porque têm desejo de aprender?
- 4 - Como são os recursos e espaços na perspectiva da **educação inclusiva**? Há barreiras para estudantes progredirem em seus estudos?



Educação inclusiva

A proposta é que, dentro do diagnóstico, tenha-se um olhar para o quantitativo de estudantes em atraso e para o ambiente escolar, começando a organizar a enturmação específica. As dúvidas que aparecerem sobre essa organização podem ser discutidas com a equipe responsável pela implementação do programa na Secretaria e, também, com escolas que já estão no programa. A tabela e o diagrama a seguir podem apoiar a tomada de decisão sobre o critério

DIAGNÓSTICO

de participação nessas turmas – a tabela contém as idades esperadas em cada ano escolar (é importante verificar a possibilidade de variações em razão de cortes de matrícula durante o ano pelas normativas locais).

Idade esperada em cada ano escolar do Ensino Fundamental (considerando a data de corte até 31/03 do ano letivo vigente)		
Ano	Idade esperada	Atraso escolar
1º	6	8
2º	7	9
3º	8	10
4º	9	11
5º	10	12
6º	11	13
7º	12	14
8º	13	15
9º	14	16

Fonte: Panorama distorção idade-série no Brasil, UNICEF.¹⁴

¹⁴ Publicação disponível em https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idade-serie_no_Brasil.pdf



Já a tabela a seguir propõe um fluxo de decisão sobre quem deve estar em uma turma específica focada na distorção idade-série e quem **precisa de outros apoios**:

Equidade

Quando é pertinente a inclusão de um/a estudante nas turmas dos programas locais alinhados à TSE?			
Sou imigrante, estou chegando ao país Caso a criança, adolescente ou jovem tenha dois anos ou mais de diferença em relação à idade que deveria estar matriculada, é possível que faça parte das turmas do programa, mas seria recomendada a oferta de um programa de transição, que é um curso preparatório específico, de curta duração, para contribuir com o êxito escolar frente ao acesso a um tipo de sistema educativo diferente, inclusive cuidando da questão do idioma. Contudo, a legislação brasileira assegura matrícula imediata na escola, seja com ou sem programa de transição.	Tenho 8 anos, não sei ler e estou no 3º ano O/a estudante tem a idade correspondente ao ano escolar, então ações de recuperação, reforço ou apoio escolar adicional são os mais indicados. Mesmo que o/a estudante tenha um ano de reprovação, não é indicado que vá para a turma específica do programa.	Tenho 11 anos e estou no 3º ano O/a estudante está em atraso escolar de 3 anos, portanto poderá participar das turmas específicas do programa destinadas a estudantes em situação de distorção idade-série.	Tenho 19 anos e estou no 7º ano Nesse caso, embora o/a estudante esteja em situação de distorção idade-série, o mais indicado é que seja encaminhado/a à modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Fonte: Adaptado das orientações do grupo de trabalho de Educação Acelerada da INEE¹⁵.

Diante dessas considerações, é possível avançar para o mapeamento que olha para além da escola.

¹⁵ A INEE é a Inter-Agency Network for Education In Emergencies, ou Rede Interinstitucional para a Educação em Situações de Emergência. Entre seus grupos de trabalho, há um focado na educação acelerada. As orientações e materiais disponibilizados por esse GT podem ser acessados em <https://inee.org/pt/colecoes/educacao-acelerada>. O diagrama que inspirou essa adaptação pode ser encontrado especificamente na apresentação “SPA_PPP_day1” de um conjunto de apresentações para oficinas sobre o tema (<https://inee.org/pt/node/9687>).

Mapeamento dos equipamentos, ações e políticas existentes no território



Território

A próxima etapa é o mapeamento dos equipamentos, ações e políticas existentes no território para identificar o que já está sendo desenvolvido nas proximidades da escola e, assim, firmar parcerias. Além dos equipamentos públicos que precisam ser contatados, como Unidade Básica de Saúde (UBS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Conselho Tutelar, entre outras, é recomendável verificar se existem grupos e organizações sociais no território engajadas com as causas da infância, adolescência e da juventude. Estas são parcerias mais que necessárias para a implementação dos programas alinhados à TSE porque dialogam diretamente com o público mais atingido pela distorção idade-série. São parceiros importantes não apenas para mobilizar as crianças, os adolescentes e jovens a aderir e se engajarem à proposta, como também para mantê-los na escola pela necessária inserção do esporte, da arte, da cultura e do lazer.

Outro trabalho importante é conhecer as famílias dos e das estudantes. Além dos encontros com familiares/responsáveis, pode-se ampliar as informações a partir do diálogo com equipes de outras ações já existentes, como os Programas Saúde na Escola¹⁶, Bolsa Família¹⁷, e outras iniciativas intersetoriais que contribuem para minimizar a influência da desigualdade social na vida escolar. Para isso, um caminho é tentar estreitar a comunicação com as áreas da assistência social, dos direitos humanos e da saúde.



Colaboração

Também é recomendável verificar se entre as e os estudantes em distorção idade-série há contemplados pelo Benefício de Prestação Continuada¹⁸ (BPC, destinado a pessoas com deficiência) e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa¹⁹.

¹⁶ Saiba mais sobre o Programa Saúde na Escola em <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pse>

¹⁷ Saiba mais o Bolsa Família em <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia>

¹⁸ Saiba mais sobre o BCP em https://www.mds.gov.br/relocrys/bpc/3_inst_nac_seg_social_dirben.htm#:~:text=1.1%20%2D%20O%20Benef%C3%ADcio%20de%20Presta%C3%A7%C3%A3o,la%20provida%20por%20sua%20fam%C3%ADlia.

¹⁹ Saiba mais sobre medida socioeducativa em <https://www.cnj.jus.br/cnj-servico-o-que-sao-medidas-socioeducativas/>

Em ambos os casos, a escola precisa não apenas garantir o acesso, mas a permanência desses e dessas estudantes, acompanhando de perto sua assiduidade. O diálogo com as áreas já mencionadas e com o Conselho Tutelar do município é fundamental para conhecer o tipo de **acompanhamento que deve ser** dispensado a eles e elas.



Rede de proteção à criança e ao adolescente

Instrumentos para mapeamento

O mapeamento de **atores e lideranças do território** pode ser elaborado e atualizado por meio de ferramentas como o ecomapa, que propõe a construção visual de uma rede dinâmica de relações que influenciam as instituições que dele participam. Saiba mais sobre essa ferramenta no curso “Gestão escolar e professores na rede: políticas para o sucesso escolar”, disponível no AVA UNICEF.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Pessoa desenhando em um cartaz na parede, em que há um círculo no centro escrito “Deolinda Lage”; ele é ligado por linhas a outros círculos com textos escritos.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/cursoTSE> ou no código QR.



Outra forma de mapear tais equipamentos é a consolidação de uma planilha como essa:

Instituição	Responsável pela instituição	Dados de contato (e-mail, fone, endereço)	Ações já realizadas	Em que poderia contribuir?

DIAGNÓSTICO

Durante o diagnóstico é importante que a equipe tenha momentos de estudo para compreender o programa local e as normativas de educação relacionadas, assim poderão sentir-se mais seguros/as na implementação da proposta. É essencial incluir nos encontros do diagnóstico trechos do programa local de enfrentamento da cultura do fracasso escolar alinhado à TSE, para estabelecer um diálogo deste com o diagnóstico da escola. Esse documento da proposta de cada programa local precisará retornar sempre aos momentos de estudo.

Para além do estudo do programa, em algum momento, a gestão escolar e a equipe podem sentir necessidade de estudos complementares da legislação local (município e/ou estado) ou nacional. Um ponto interessante é compreender como o enfrentamento da cultura do fracasso escolar aparece nos planos de educação estaduais e/ou municipais.

Elaborar relatório da escola

Agora que sua equipe se apropriou das informações e as organizou, é hora de produzir um relatório do diagnóstico, usando os registros feitos ao longo deste processo. Pode-se definir uma ou duas pessoas responsáveis por essa sistematização, possivelmente da gestão escolar. É importante compartilhar a primeira versão com as pessoas que se envolveram no diagnóstico, a fim de que elas possam propor ajustes, assegurando a representatividade do documento.

Para melhorar a visualização dos dados no relatório, é interessante organizá-los em gráficos e tabelas bem detalhados. Isso pode contribuir para que a comunidade escolar (professores, estudantes, familiares responsáveis e possíveis parceiros) compreenda a urgência da situação e quais medidas precisam ser tomadas para oferecer a esses e essas estudantes oportunidades para aprender.

Por fim, o relatório precisa ser compartilhado com o Conselho Escolar, a Secretaria de Educação e/ou Regionais de Ensino (onde houver) e com a rede de proteção local, além de outras pessoas e instituições que julgarem estratégicas.



Rede de proteção
à criança e ao
adolescente

Mão na massa, professores e professoras

Professora/professor, você agora integra um grupo que pretende contribuir com a escola no enfrentamento da distorção idade-série e na promoção de trajetórias de sucesso escolar. Isso significa contribuir para a construção de uma proposta inovadora, que considera as necessidades de estudantes em atraso escolar.

Você receberá o convite para participar da elaboração do diagnóstico da escola ou, se ele já tiver sido feito, para se apropriar dele. Você fará o diagnóstico da(s) turma(s) do programa, contando com as recomendações a seguir e fazendo as adaptações necessárias. O diagnóstico pode ser dividido em duas dimensões:

- **Aspectos gerais:** aqui cabe compreender as razões do atraso escolar, questões de autoestima e outros dados emocionais – como o/a estudante acredita que aprende melhor e quando é mais difícil, se participa de algum programa social e outras características que possam contribuir para a compreensão desse/a adolescente em uma perspectiva integral. Vale incluir, também, o que esse/a estudante gosta de fazer e outros aspectos que revelem sua potência.
- **Avaliação diagnóstica de aprendizagem:** nesta esfera promove-se diferentes atividades pedagógicas para avaliar e compreender quais são as aprendizagens que esse/a estudante já tem em relação a cada componente, considerando as aprendizagens que foram definidas como essenciais.

Veja as recomendações sobre cada uma.

Aspectos gerais – escuta de estudantes



Participação
e escuta

Para levantar os aspectos gerais da vida de cada estudante, pode-se recorrer aos dados que a escola já possui, como ficha de matrícula e registros da trajetória escolar. Mas é fundamental propor um ou mais momentos de **escuta destes/as estudantes**. Considerando que nessas conversas os/as estudantes podem trazer questões sensíveis como violências ou mesmo a existência de transtornos, entre outras questões, é recomendável assegurar um espaço individual para essa escuta. Os/as professores da turma podem se dividir para conversar com um número de estudantes de forma qualificada e, depois, promover um encontro para a troca dessas informações, assegurando o registro.

Caso não seja possível, pode-se recorrer ao grupo, mas orientando no início que, caso os/as estudantes queiram falar sobre pontos que consideram sensíveis (dar exemplos), podem procurar os/as professores posteriormente, a fim de que não se exponham no grupo. Outra opção é realizar a escuta em dois momentos, um em grupo e outro individual.



Rede de proteção
à criança e ao
adolescente

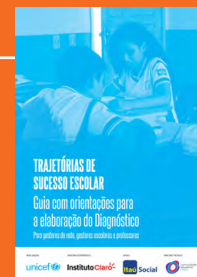
Proteção é prioridade!

Sempre que for verificada nesses relatos alguma violação do direito da criança e do adolescente, deve-se informar a gestão escolar e encaminhar o caso ao serviço responsável no âmbito da rede de proteção. Conheça mais orientações no Guia para escuta, engajamento e participação de crianças e adolescentes.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação com foto de uma garota, texto “Trajetórias de sucesso escolar: Guia para escuta, engajamento e participação de crianças e adolescentes. Etapa Diagnóstico” e logos do UNICEF (realização), Instituto Claro (parceiro estratégico), Itaú Social (apoio) e Comunidade Educativa CEDAC (parceiro técnico).

CONSULTE

Guia para escuta, engajamento e participação de crianças e adolescentes no link <https://bit.ly/guiaescutaTSE> ou no código QR.



O roteiro a seguir pode ser usado para promover **momentos de escuta** com os adolescentes e, inclusive, com seus familiares. Ele é bastante genérico e pode ser usado em diversos momentos. Para esse primeiro encontro, o importante será melhorar o diagnóstico sobre a distorção idade-série da escola.



Participação e escuta

Cuidados para momentos de escuta de adolescentes e familiares

- Construir um senso de comunidade por meio de uma atmosfera de aprendizagem não competitiva, em que os/as participantes se sintam seguros e demonstrem respeito uns pelos outros/as.
- Dar o exemplo de atitude positiva e expressar empatia junto aos/as participantes.
- Estar atento para as diferenças culturais e pessoais dos/as participantes e respeitar a diversidade.
- Contribuir para a autoconfiança dos/as participantes, incentivando-os a terem hábitos positivos em sua comunidade.
- Incentivar o desenvolvimento dos/as participantes durante a escuta, reconhecendo seu progresso.
- Fomentar a livre escolha e a capacidade das/dos participantes experimentarem e expressarem novas ideias sem julgamento, mas com atenção e atitude pedagógica.
- Incentivar os/as participantes para que compartilhem experiências pessoais desde que agreguem ao debate e/ou reflexão do grupo.
- Manter confidencialidade das informações pessoais compartilhadas.
- Propor a criação de normas básicas a serem seguidas pelos/as participantes quando estiverem em grupos, que podem incluir aspectos como: pontualidade, participação, limites para exposição pessoal, não uso ou uso limitado de telefones celulares, entre outras normas sugeridas pelo grupo.



Diversidade

Fonte: Adaptado de Competências para a Vida²⁰, UNICEF.

²⁰ O guia Competências para vida – trilhando caminhos de cidadania foi publicado em 2018 e está disponível em <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/competencias-para-vida-trilhando-caminhos-de-cidadania>



CONSULTE

No link <https://bit.ly/competenciasTSE> ou no código QR.

DIAGNÓSTICO

Durante o diagnóstico das turmas do programa você e os/as demais professores que dão aula para estes e estas estudantes levantarão diferentes informações que precisarão ser consolidadas, como neste exemplo:

Nome dos/as estudantes em atraso da escola	Idade	Ano de escolarização em que se encontra	Data de ingresso na escola	Anos de atraso escolar	Observações relevantes sobre o/a estudante (exemplo: gênero, território, características socioeconômicas)

Avaliação diagnóstica da aprendizagem

“A criança que está em situação de distorção idade-série já viu um currículo completo, várias vezes.”

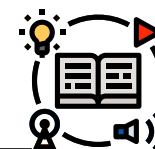
Técnico/a de Sergipe, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa Sergipe na idade certa - PROSIC” alinhado à TSE

A avaliação diagnóstica das aprendizagens precisa ser realizada no início do funcionamento das turmas, ou mesmo quando um/a novo/a professor ou estudante assume a turma. Ao longo do ano letivo ela é repetida de tempos em tempos, ao lado de ações de acompanhamento da aprendizagem durante o cotidiano do ensino. Compreendemos que trata-se de um momento específico, intencional, com **atividades diversificadas** que possibilitam à equipe docente compreender como cada estudante está em relação às aprendizagens essenciais.

A experiência com políticas direcionadas a estudantes em situação de distorção idade-série demonstra a importância de **flexibilizar o currículo, priorizando aprendizagens essenciais** para a continuidade da sua trajetória escolar. Trata-se de uma decisão que apoia o ensino, o acompanhamento e a avaliação.

Como já vimos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 23, assume as **diferentes formas de organização do ensino quanto ao tempo e quanto a agrupamentos**. Diante da necessidade de apoiar estudantes

a progredirem e alcançarem seus pares etários, não é indicado que o professor/ professora acelere seu planejamento, de modo que todas as habilidades previstas em cada ano sejam ensinadas. Esse ensino reduzido a uma aprendizagem memorizada de uma série de conhecimentos, também chamado de “ensino conteudista”, já foi bastante questionado, pois sabemos que não basta explicar vários conteúdos para que estudantes aprendam automaticamente. É preciso compreender que os processos de ensino e os de aprendizagem são diferentes, ainda que nosso objetivo seja diminuir essa distância de forma que o ensino implique em aprendizagem.



Foco na
aprendizagem e
desenvolvimento

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular e os currículos locais alinhados a ela têm como foco o desenvolvimento de competências e habilidades, exigindo um planejamento com ainda maior intencionalidade e complexidade. Os conteúdos continuam sendo importantes, mas a questão é compreender como cada estudante os coloca em prática, de forma integrada, para a resolução de problemas aos quais será exposta/o ao longo da vida.

Definição de competência

É a intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida por meio de ações nas quais se mobilizam, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais.

Antoni Zabala e Laia Arnau²¹

É preciso assumir que cada estudante dessa turma conquistou aprendizagens ao longo de cada ano letivo que cursou (inclusive aqueles que cursaram duplamente mediante reprovação) e também em suas experiências fora da escola. Um bom caminho é valorizar o que já sabem e identificar o que ainda é essencial aprender para que avancem e acompanhem os anos subsequentes. A valorização dos saberes construídos na escola e fora dela é condição para que cada estudante tome consciência do que e de quanto sabe.

²¹ ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

A definição das aprendizagens essenciais pode partir de uma orientação da rede educacional, mas depende, também, da reflexão de cada professor ou professora, considerando o Projeto Político Pedagógico da escola e sua autonomia na organização de seu planejamento pedagógico.

O que cuidar em relação ao documento sobre a priorização de aprendizagens

✓ O que deve ser: um documento orientador para apoiar escolas e professores no seu planejamento do ensino e no acompanhamento de aprendizagens.



DESCRIÇÃO DO ÍCONE: Ícone com um símbolo de visto

✗ O que não deve ser: um documento rígido que todas as escolas e professores devem cumprir à risca independente do que observam em sua(s) turma(s).



DESCRIÇÃO DO ÍCONE: Ícone com um X



Colaboração

Mas quais são os critérios para definir as aprendizagens essenciais ou prioritárias?

São diversas as referências sobre esses critérios²² e cada equipe pode fazer discussões colaborativas de forma a defini-los. Unindo diferentes recomendações aos estudos e experiências dos programas alinhados à TSE, sintetizamos passos para essa priorização com base no currículo local:

²² Algumas referências que tratam do tema da priorização curricular:

COSME, Ariana. Autonomia e flexibilidade curricular: propostas e estratégias de ação. Porto: Porto Editora, 2018.

NOVA ESCOLA. BNCC: como priorizar as aprendizagens de 2020 e 2021?

Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/19772/bncc-como-priorizar-as-aprendizagens-de-2020-e-2021>.

INEE. Cómo condensar un plan de estudios para la educación acelerada: guía exhaustiva. Nov. 2021. Disponível em:

https://inee.org/sites/default/files/resources/SP_AEWG_Condensing%20a%20curriculum%20for%20Accelerated%20Education.pdf

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

1. Retomem no currículo as **competências gerais**, lembrando que representam o objetivo final do processo formativo de cada estudante;
2. Definam as **competências de cada área/componente** que apoiem mais o desenvolvimento das competências gerais anteriores;

É importante chamar a atenção para o fato de que as competências e habilidades do currículo local poderão ser reescritas e ajustadas para a definição das aprendizagens essenciais do programa.

3. Chegou o momento de definir as **habilidades que se traduzirão em aprendizagens essenciais**, não perdendo de vista a continuidade da trajetória escolar destes estudantes e, portanto, o alinhamento aos currículos locais. Seguem algumas perguntas norteadoras:

- Quais habilidades contribuem fortemente para as competências gerais e específicas de cada componente?
- Quais são articuladas entre os componentes e/ou são estruturantes para as próximas aprendizagens?
- As habilidades selecionadas tratam de conhecimentos (de dimensão conceitual, procedimental e atitudinal) que os e as estudantes precisarão para lidar com os complexos desafios que lhes serão apresentados pela vida?

Essas são as aprendizagens essenciais que devem fazer parte do **planejamento**. Entre elas, **as mais essenciais podem compor a avaliação diagnóstica** por meio de atividades diversificadas: atividades escritas, trabalhos em grupo, discussão de textos, atividades de produção, entre outras. Lembre-se de que, assim como aprendemos a partir de diferentes estratégias, precisamos delas para demonstrar as diferentes dimensões de conhecimentos e aprendizagens.



Foco na
aprendizagem e
desenvolvimento

DIAGNÓSTICO

Cada professor e professora pode montar um instrumento de registro da avaliação diagnóstico que faça sentido para seu uso cotidiano, como neste exemplo:

Estudante	Habilidade priorizada 1	Habilidade priorizada 2	Habilidade priorizada 3	Habilidade priorizada 4

Pode-se fazer anotações sobre cada uma ou estabelecer uma rubrica com níveis e uma descrição progressiva que valorize avanços intermediários.

É importante que professores troquem informações sobre o que observaram nesta avaliação diagnóstica, analisando quais estudantes apresentam dificuldades mais globais e em quais casos os maiores desafios estão circunscritos a um ou outro componente.



Colaboração

O apoio da coordenação pedagógica será essencial para apoiar os e as professoras na organização da avaliação diagnóstica e na análise de resultados. A troca colaborativa entre pares também ocupa um lugar importante neste momento.

Compreendendo os aspectos gerais da vida de estudantes dessa turma e como estão em relação às aprendizagens, cada docente poderá elaborar seu planejamento pedagógico com mais segurança e assertividade. O tema do planejamento será abordado no próximo capítulo.

O que fazer para aprimorar o diagnóstico

Os diagnósticos, tanto da escola quanto das turmas, precisam ser atualizados, pelo menos anualmente ou sempre que houver uma mudança de cenário significativa, já que se configuram como instrumentos para tomada de decisão.

Embora se promova um momento pontual e intencional para o diagnóstico, o acompanhamento conduz a uma visão diagnóstica contínua, um jeito de olhar os fenômenos e o programa profundamente, com conduta de quem quer compreender e estabelecer relações que possam gerar informações, conhecimento e rápidas mudanças.

No caso do diagnóstico da turma, serão necessárias ações de acompanhamento de aprendizagem a fim de que os/as professores possam compreender como cada estudante avança em relação às aprendizagens essenciais priorizadas, e possam então fazer intervenções ajustadas a cada necessidade.

Para que o movimento da escola continue fluindo de forma orgânica, é importante que a equipe gestora realize regularmente encontros entre a equipe docente para que possam analisar os processos de ensino e de aprendizagem, preservando a postura diagnóstica diante do que acontece na escola.



PLANEJAMENTO

“Enfrentar a cultura do fracasso escolar é coisa de gente muito corajosa!”

Erondina Barbosa da Silva, UNICEF.

“Por que eu me tornei professor? Para transformar realidades.

E a gente vê realidades sendo transformadas.”

Professor/a do Espírito Santo, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa Sucesso Escolar” alinhado à TSE.

O que considerar no eixo do planejamento	82
Mão na massa, gestores e gestoras escolares	86
Mão na massa, professores e professoras	95
O que fazer para aprimorar o planejamento	105

❏ ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Mulher jovem branca de cabelo comprido e óculos fala com menina branca de cabelo comprido liso e preto que observa o quadro de avisos no corredor de uma escola com árvores ao fundo.

O que considerar no eixo do planejamento

Elisa é diretora numa escola na zona urbana periférica de uma capital brasileira e conheceu o programa de enfrentamento da cultura do fracasso escolar do estado recentemente, por meio de uma reunião com a Regional de Ensino (RE) a que a sua unidade escolar faz parte. Ela ficou muito mobilizada ao verificar a quantidade de estudantes em situação de distorção idade-série da sua escola. Ao promover o diagnóstico com sua equipe o sentimento foi o mesmo, pois sabiam de alguns casos, mas diante de tantas emergências do cotidiano não haviam se dado conta do tamanho do problema. E foi justamente após essa tomada de consciência que ela sentiu uma certa paralisação da equipe. Relatou à técnica Patrícia, da RE:

Dir. Elisa: *Patrícia, depois daquela reunião em que foram colocados em discussão os dados da distorção idade-série, voltei e organizei conversas com a equipe. Foram intensas e tensas, pois sabemos que se trata de uma situação que precisa ser enfrentada. Mas um consenso é que, para realmente mudar essa realidade, precisamos fazer algo diferente – confesso que estamos inseguros em trazer para a escola uma organização de trabalho que não conhecemos tão bem. Não sei nem por onde começar...*

Téc. Patrícia: *Elisa, eu entendo, essa é uma fala que já ouvi de outras diretoras e diretores que iniciaram o programa. Inclusive, depois vou te colocar em contato com o Diretor Claudinho, que já iniciou há dois*

anos e poderá contribuir com sua experiência. O que a gente faz para começar é organizar um plano de ação com a equipe. Ele nos ajuda a visualizar o que tem que ser feito, por quem e até quando. Eu vou te passar um material que já contém algumas recomendações de ações, e você e a equipe podem pensar no que falta, considerando a realização do programa.

A técnica volta depois de um mês na escola para um outro momento de acompanhamento e ouve Elisa:

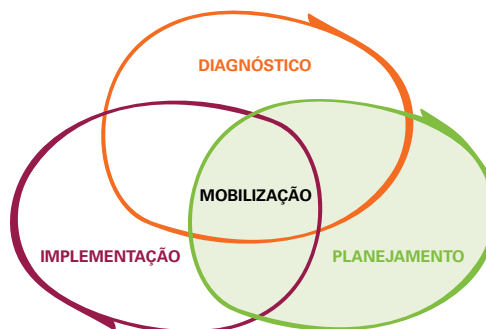
Dir. Elisa: *Olha, Patrícia, não foi fácil, mas realmente, quando finalizamos o plano de ação, deu até um alívio, sabe? Uma sensação de que já tínhamos um caminho para percorrer. Precisamos de dois encontros para elaborar e foi bom, porque, entre um e outro, pudemos pensar e algumas pessoas da equipe lembraram-se de coisas importantes. Por exemplo, a secretária lembrou de incluirmos um momento para analisar o sistema de matrículas, para ver como fazemos no caso dessa turma. Uma professora disse que viu no material de orientações que seria importante termos conversas com os agentes da rede local de proteção intersetorial. Sabe, eu ainda tenho algumas pessoas da equipe pouco envolvidas, mas acho que com o apoio de quem está mobilizado conseguiremos avançar e, aos poucos, trazer os demais para esse planejamento!*

Planejar é projetar, desenhar o futuro! Diariamente planejamos em diferentes perspectivas. Pensamos em como será o nosso dia, o que deve ser feito antes ou depois, quem precisamos envolver em nossas atividades do trabalho e da vida pessoal. Mas para alguns projetos mais complexos é preciso planejar de forma ainda mais intencional e compartilhada.

Dessa forma, nos programas de enfrentamento da cultura do fracasso escolar, podemos pensar que o planejamento consiste em uma

PLANEJAMENTO

postura permanente de prever e rever ações de forma dinâmica diante dos diferentes acontecimentos, mas também requer momentos intencionais para dar conta da complexidade da implementação de uma política educacional. Considerando a esfera da escola, podemos destacar no eixo do planejamento:



❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Três elipses com uma intersecção ao meio. A elipse verde possui dentro a palavra “Planejamento” e está em destaque. A laranja possui a palavra “Diagnóstico”. A cor-de-vinho possui o termo “Implementação”. Na intersecção entre as três elipses aparece, em preto, a palavra “Mobilização”.

- **Planejamento da gestão escolar:** do ponto de vista da gestão da escola, o relatório do diagnóstico é o ponto de partida para o plano de ação, uma ferramenta de organização do trabalho da escola para estruturação e fortalecimento do programa. Este documento vai reunir as ações, resultados esperados, responsáveis e cronograma para começar a materializar o programa na escola. A gestão escolar lidera a elaboração e a revisão contínua do plano de ação, organizando as reuniões que devem acontecer, as ações e projetos institucionais para potencializar as aprendizagens dos e das estudantes, a articulação do programa com os demais projetos da escola etc. Quanto mais participativa e colaborativa for a elaboração do plano de ação, maior será a possibilidade da comunidade escolar responsabilizar-se pela sua implementação e acompanhamento.

- **Planejamento das e dos professores:** com o diagnóstico da turma os e as professoras poderão investir em um **planejamento de atividades potentes**, capazes de promover as **aprendizagens essenciais**, aquelas necessárias para a progressão das e dos estudantes. É por meio das boas situações de ensino que as premissas pedagógicas do programa se efetivam, por isso o documento do programa local sempre deve estar à mão do e da professora durante este planejamento. Este documento é um só em cada estado, mas podemos pensar que cada escola desenvolve seu PPP e toma decisões de acordo com o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem. A coordenação pedagógica apoia a equipe docente nestas importantes decisões do planejamento e, juntos, analisam com regularidade como os e as estudantes estão diante do que está sendo proposto.

Os desafios do tempo

O ideal é que as escolas tenham tempo para realizar o diagnóstico e o planejamento inicial antes do início das turmas do programa. Contudo, diante da emergência da demanda de atendimento desses e dessas estudantes, que já estão em distorção idade-série, já se observou casos em que o diagnóstico foi feito em paralelo à enturmação específica e ao início das aulas. Sabemos que são diversas as condições das escolas, por isso a forma como viabilizam o programa precisa ser flexível dentro de suas possibilidades.

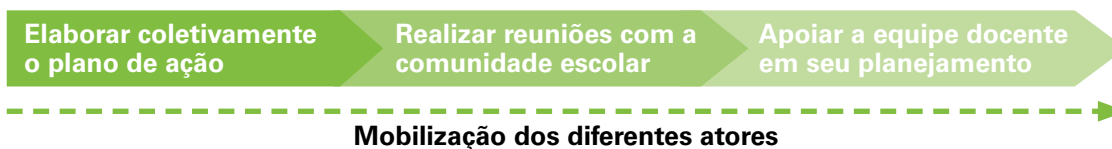
Para apoiar você no planejamento, disponibilizamos algumas recomendações a seguir.

Mão na massa, gestores e gestoras escolares

“Sendo a escola um lugar, um tempo e um contexto, sendo ela organização e vida, devendo ela espalhar o rosto de cidadania, que escola precisamos ter?”

Isabel Alarcão²³

Abaixo, passos da etapa de planejamento:

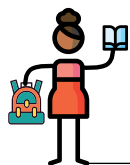


- □ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Diagrama com três setas sequenciais em tons diferentes de cor de verde apontando para a direita. Há textos em cada uma delas. Da esquerda pra direita: 1 - “Elaborar coletivamente o plano de ação”; 2 - “Realizar reuniões com a comunidade escolar”; 3 - “Apoiar a equipe docente em seu planejamento”. Abaixo, há uma seta simples que também aponta para a direita e o texto: “Mobilização inicial dos diferentes atores”.

Elaborar coletivamente o plano de ação

O plano de ação pode favorecer o planejamento e o acompanhamento das ações, gerando um movimento cíclico de planejamento, ação, análise, monitoramento e avaliação das ações e dos resultados alcançados à luz das condições institucionais e pedagógicas oferecidas, com vistas a um novo planejamento.

Na organização do plano de ação considera-se que o enfrentamento da cultura do fracasso escolar envolve as enturmações das e dos estudantes em distorção idade- série para um trabalho diferenciado, mas não somente isso! Precisamos assegurar que os/as demais estudantes não se encontrem nesta situação nos próximos anos. Os dados levantados no diagnóstico serão cruciais para a delimitação do tamanho do problema. Outro aspecto importante é o estabelecimento de metas, que anteciparão, ao longo do tempo, quais resultados a escola espera alcançar



Desnaturalização da cultura do fracasso escolar

²³ ALARCÃO, Isabel. Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

a curto, médio e longo prazo. A descrição das ações e os encaminhamentos e recursos necessários, além dos responsáveis e prazos, são outros itens a serem assegurados na estrutura do plano de ação. Veja a seguir uma estrutura sugerida:

-META: é aonde se quer chegar em um determinado prazo.

MATERIAIS NECESSÁRIOS: materiais que precisam ser elaborados e/ou utilizados para a realização dos encaminhamentos.

PESSOAS ENVOLVIDAS: as que serão o foco da ação e dos encaminhamentos previstos.

RESULTADOS ESPERADOS E ALCANÇADOS: o que se espera e o que se conseguiu de fato com a ação realizada.

SECRETARIA XXXXX ESCOLA XXXXX METAS		NOME DO PROGRAMA PLANO DE AÇÃO					
AÇÃO	ENCAMINHAMENTOS	MATERIAIS NECESSÁRIOS	RESPONSÁVEL	PESSOAS ENVOLVIDAS	PRAZO	RESULTADOS ESPERADOS	RESULTADOS ALCANÇADOS
1							
2							

AÇÃO: é uma possibilidade efetiva de se atuar no problema.

ENCAMINHAMENTOS: são as formas como as ações serão desenvolvidas para se chegar ao resultado esperado.

RESPONSÁVEL: pessoa(s) que ficará(ão) responsável(éis) em realizar os encaminhamentos, tendo como referência o prazo estimado.

-PRAZO: tempo para a realização e finalização da ação planejada.

Guia de orientação para elaboração de planos de ação

CONSULTE

No link <https://bit.ly/guiaplanosdeacaoTSE> ou no código QR.



PLANEJAMENTO

A elaboração do plano de ação pode se dar em diferentes formatos.

Por exemplo, pode-se iniciá-lo em conjunto com a equipe que participou do diagnóstico, aprimorar sua escrita no âmbito da gestão escolar e, depois, apresentá-lo para mais pessoas da comunidade escolar, escutando suas impressões e fazendo os ajustes necessários. Também é possível montar um grupo de trabalho para implementação do programa e centrar nele esta elaboração, prevendo dois ou três encontros para que escrevam tudo de forma colaborativa.

É essencial prever o envolvimento do Conselho Escolar, pois cabe a ele zelar pela manutenção da escola, acompanhar e apoiar as ações dos dirigentes escolares a fim de assegurar a qualidade do ensino. Cada equipe de gestão escolar conhece a realidade de sua escola e pode prever uma organização que faça sentido, mas é importante que se garanta a socialização e escuta sobre o planejamento, a fim de que não seja somente um plano de ação da gestão escolar, mas algo representativo da equipe, atendendo inclusive a demandas territoriais.



Território



Que tal conhecer um estudo de caso de elaboração de plano de ação?

Conheça o caso fictício da EMEF Carolina Maria de Jesus e explore o documento com este plano de ação.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela com fundo azul, foto da entrada de uma escola e informações sobre ela, como EMEF Carolina Maria de Jesus, município Caminhos das Águas. No rodapé, há o avatar de uma mulher negra.



CONSULTE O ESTUDO DE CASO
No link <https://bit.ly/casoTSE>
ou no código QR.



CONSULTE O PLANO DE AÇÃO
No link <https://bit.ly/planoemefTSE>
ou no código QR.

O plano de ação tem uma perspectiva organizativa, mas também pode ser um instrumento de mobilização. E a mobilização, como diz Bernardo Toro²⁴, tem a ver com a convocação de vontades em prol de um bem comum, neste caso para a construção da cultura de sucesso escolar.

Ao analisar esse plano, sugerimos especial atenção a essas ações:

- Realizar o mapeamento a partir da ficha de matrícula dos/as estudantes por critério de raça/cor;
- Organizar rodas de escuta dos e das estudantes mapeados para compreender as dinâmicas raciais.

Elas respondem a um “achado” do diagnóstico dessa escola: observou-se que os maiores índices de distorção idade-série e abandono estavam localizados em estudantes de cor preta e parda. Sabendo que esses e essas estudantes têm tanto potencial para aprender quanto os demais, resolveram investigar como as dinâmicas raciais podem estar influenciando esse fenômeno, considerando que o racismo estrutural também atravessa a escola.

Quando analisamos os dados desagregados, frequentemente encontramos resultados similares por todo o Brasil, denotando a necessidade de uma

gestão escolar afirmativa. O livro “Direção para os novos espaços e tempos da escola” traz uma boa discussão sobre isso, além de referências de **práticas antirracistas** que podem entrar em seu planejamento.



Equidade



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação “Direção para os novos espaços e tempos da escola – Como diretora e diretor podem atuar para uma gestão escolar com equidade. Organização Roberta Panico e Tereza Perez”, com foto de uma mulher negra de cabelos cacheados e logos da CE CEDAC, Fundação Santillana e Editora Moderna.

CONSULTE

No link www.bit.ly/livrodirecao ou no código QR.



²⁴ Compreenda mais sobre o processo de mobilização social na perspectiva do educador colombiano Bernardo Toro por meio da publicação:

TORO, José Bernardo, WERNECK, Nisia Maria Duarte. Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação. UNICEF, 1996.

Realizar reuniões com a comunidade escolar

Para o acompanhamento das ações e revisão de rotas, tanto durante a elaboração do plano de ação como depois, muitas reuniões serão necessárias. Para cada uma delas será preciso planejar detalhadamente cada pauta, prevendo os temas a serem abordados e os responsáveis por cada um, e tomando o cuidado de registrar as medidas que serão tomadas após cada discussão. As reuniões objetivam manter o engajamento das pessoas, isto é, que a comunidade escolar abrace a ideia e colabore para que todas as crianças, adolescentes e jovens tenham o direito à educação, por isso o fracasso escolar é inaceitável. Para essas reuniões de planejamento das ações com os diferentes públicos, é importante retomar, sempre que preciso, o diagnóstico da escola, considerando as ações e encaminhamentos prioritários para o atendimento das e dos estudantes que estão em atraso escolar.



Formação
continuada

As propostas e o tempo de reuniões variarão conforme o público. Com a equipe da escola pode-se prever uma pauta mais aprofundada, inclusive com foco formativo. Já nos encontros com estudantes, familiares e parceiros o que se destaca é o objetivo de promover o engajamento desses atores na causa, aproximando-se das diferentes expectativas destes públicos e preocupações, com muita escuta e diálogo, o que irá colaborar com o desenvolvimento do plano de ação.

Outro passo estruturante nesse processo de planejamento é a comunicação sobre o programa e o planejamento com estudantes e familiares/responsáveis. Talvez os melhores porta-vozes da proposta sejam as e os estudantes que ajudaram nas primeiras ações do programa e no diagnóstico — eles e elas poderão ter um papel de destaque no processo de mobilização e acolhimento das e dos demais estudantes e de suas famílias.



Participação
e escuta

Pensando nisso, há uma publicação específica para pensar na articulação com estudantes na etapa de planejamento, com pautas que apoiam a participação qualificada deles e delas na proposta curricular da escola por meio de diálogos possíveis, como quando conversam sobre seus sonhos.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: “Trajetórias do sucesso escolar. Guia de escuta, participação e engajamento dos estudantes. Etapa de planejamento,” foto de um garoto de perfil olhando para um livro sobre a mesa na sua frente e logos do UNICEF (realização), Instituto Claro (parceiro estratégico), Itaú Social (apoio) e Comunidade Educativa CEDAC (parceiro técnico).



CONSULTE

No link <https://bit.ly/guiaparticipacaoTSE> ou no código QR.



Apoiar a equipe docente em seu planejamento

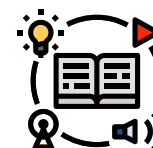
A gestão escolar e sua equipe docente terão diante de si o objetivo de construir uma proposta pedagógica específica para as crianças e adolescentes em atraso escolar. Fazem isso quando estudam o documento do programa local de enfrentamento da cultura do fracasso escolar e o adaptam à sua realidade, tomando decisões pedagógicas no planejamento de cada professor/a.

Assim, desenvolvem um currículo diferenciado no cotidiano escolar, a partir de estudos coletivos, formação e prática, com o apoio da coordenação pedagógica. Como já foi mencionado no eixo de diagnóstico, a proposta é que o planejamento foque nas aprendizagens essenciais, selecionadas do currículo local.

É importante que a coordenação pedagógica apoie professores/as no desenvolvimento de situações de ensino que sinalizem a preocupação de valorizar os conhecimentos historicamente construídos via experiência e



Formação continuada



Foco na aprendizagem e desenvolvimento

manifestações artísticas e culturais, como preconizam a BNCC e os currículos locais. Propostas que despertem em cada estudante a curiosidade, a autonomia e o interesse para investigar, argumentar, resolver problemas – sejam eles da sua realidade imediata ou remota.

Multiletramentos

O sucesso da estratégia passa pela construção de um percurso escolar diferente para estudantes em atraso escolar, com foco na inclusão e na ideia dos multiletramentos. Isto é, um currículo que considera o direito de todos aprenderem e no qual a competência da leitura ultrapassa o entendimento do domínio dos signos e símbolos, considerando a apropriação de uma cultura escrita, e a articulação com outras linguagens como a visual, a do movimento, a da sonoridade, a gráfica, a das tecnologias digitais, entre outras. Nessa perspectiva, todos os componentes curriculares (Matemática, Língua Portuguesa, Arte, Ciências da Natureza, História, Geografia etc.) contribuem para que eles e elas sejam capazes de usar as práticas sociais de leitura, escrita e oralidade e de produzir suas próprias leituras da realidade.



O UNICEF disponibiliza um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), em que você pode encontrar diversos cursos gratuitos e certificados, entre eles o curso “Alfabetização em contexto de multiletramentos”, que pode apoiar os/as professores em ações específicas para estudantes que ainda não desenvolveram plenamente as habilidades de leitura e escrita.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa do curso com as inscrições “Práticas de alfabetização em contexto de multiletramentos”; “Resultado Sistêmico 2: Educação de qualidade para todos”. O fundo é azul na parte superior, branco na parte inferior e há uma linha ondulada no meio em amarelo. No canto superior esquerdo há um ícone em forma de livro.

CONSULTE

No link <https://bit.ly/multiletramentosTSE> ou no código QR.



Esses princípios podem ser registrados numa Proposta Pedagógica da escola, elucidando que o currículo do programa a ser construído é diferenciado porque tem a intencionalidade inclusiva de resgatar a autoestima dos e das estudantes em atraso escolar, promovendo seu engajamento com a escola e a sua aprendizagem.

Algumas questões podem nortear os diálogos entre a coordenação pedagógica e o corpo docente durante o planejamento pedagógico:



Formação
continuada

1. Quais adaptações curriculares precisam ser feitas considerando o ensino para crianças, adolescentes e jovens em atraso escolar?
2. Como as situações didáticas podem favorecer as múltiplas linguagens e o multiletramento?
3. Como elas podem favorecer a inclusão de todos/as?
4. Como as situações didáticas podem favorecer as práticas sociais de escrita, leitura, oralidade e os conhecimentos matemáticos?
5. Como podem contribuir para a construção de projetos de vida?
6. Quais são os diferentes agrupamentos que podem ser explorados durante as aulas para favorecer as interações e a circulação do conhecimento?
7. Como os espaços e tempos serão reorganizados e otimizados?
8. Que tipo de apoio e acolhimento será oferecido às crianças e adolescentes em distorção idade-série em suas necessidades emocionais?
9. Como será feita a avaliação processual e o registro? Quais serão os instrumentos e critérios para que estudantes tenham diferentes condições de demonstrar suas aprendizagens?
10. Como será a socialização das atividades, considerando avanços e dificuldades dos/as estudantes na escola e comunidade?

PLANEJAMENTO

O conjunto dessas ações demonstra a importância de momentos frequentes e regulares de encontros coletivos para um planejamento intencional e com registro assegurado.



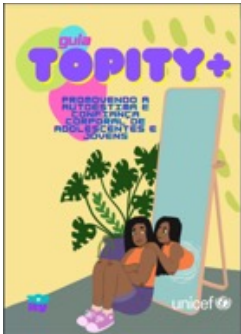
Rede de proteção à criança e ao adolescente

Cuidando da autoestima

É muito frequente que estudantes em situação de atraso escolar apresentem uma autoestima pouco fortalecida, ainda mais na adolescência, fase tão complexa do desenvolvimento humano. Por isso é fundamental encaminhar os casos mais delicados à **rede de proteção**.

Nesse sentido, o UNICEF disponibiliza um guia para o trabalho de promoção de autoestima e confiança corporal de adolescentes e jovens que pode apoiar o planejamento com essas turmas.

Guia TOPITY - promovendo a autoestima e confiança corporal de adolescentes e jovens



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação com a inscrição: “Guia Topity - promovendo a autoestima e confiança corporal de adolescentes e jovens”. Na imagem há uma pessoa jovem encostada em um espelho e ela mesma aparece no reflexo, abraçando-se. A pessoa é negra, veste laranja e roxo e tem cabelos compridos. Atrás do espelho está uma planta verde e o fundo é bege.



CONSULTE
No link <https://bit.ly/guiatopityTSE>
ou no código QR.

Mão na massa, professores e professoras

“(...) não é o processo de aprendizagem que deve se adaptar ao de ensino, mas o processo de ensino é que tem de se adaptar ao de aprendizagem. Ou melhor: o processo de ensino deve dialogar com o de aprendizagem.”

Telma Weisz ²⁵

Como vimos até aqui, o enfrentamento da cultura do fracasso escolar implica na elaboração de uma proposta pedagógica específica para as turmas do programa – proposta que deve estar focada no desenvolvimento integral de estudantes e nas competências gerais dos currículos elaborados à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

²⁵ WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2004.

As Competências Gerais da BNCC



Fonte: Porvir²⁶

- ❏ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Diagrama com uma forma circular ao centro com a inscrição “Competências Gerais BNCC”. Dele saem linhas coloridas levando às 10 competências: 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 5. Cultura digital; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação; e 10. Responsabilidade e cidadania.

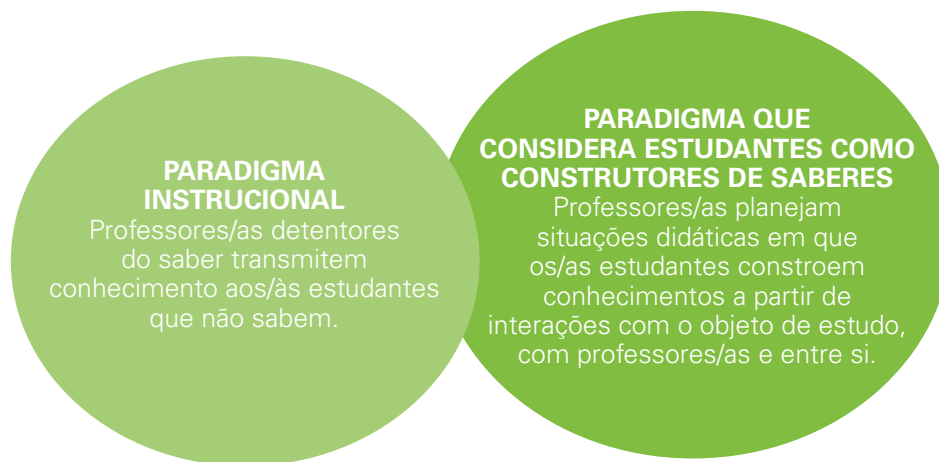


Foco na aprendizagem e desenvolvimento

Organizar o planejamento considerando o desenvolvimento integral com foco na formação de cidadãos e cidadãs com tais competências representa uma mudança de perspectiva. É comum ouvirmos professores/as falarem de uma “mudança de paradigma”, mas que mudança é essa?

Nessa mudança de perspectiva, o programa convida à reflexão sobre as conquistas e necessidades de aprendizagem, deixando de lado um planejamento focado na mera sucessão de conteúdos em prol de um que considera

²⁶ Disponível em <https://porvir.org/entenda-10-competencias-gerais-orientam-base-nacional-comum-curricular/>.

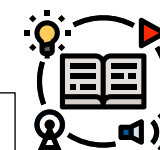


DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Duas formas circulares irregulares, de cor verde clara e verde escura, uma se sobrepondo levemente à outra com os textos: “PARADIGMA INSTRUCIONAL: professores/as detentores do saber transmitem conhecimento aos/às estudantes que não sabem”; e “PARADIGMA QUE CONSIDERA ESTUDANTES COMO CONSTRUTORES DE SABERES: professores/as planejam situações didáticas em que os/as estudantes constroem conhecimentos a partir de interações com o objeto de estudo, com professores/as e entre si”.



a diversidade, a continuidade e a progressão. Telma Weisz²⁷ afirma que as boas situações de aprendizagem são aquelas em que:

- os alunos precisam pôr em jogo tudo o que sabem e pensam sobre o conteúdo que se quer ensinar;
- os alunos têm problemas a resolver e decisões a tomar em função do que se propõem produzir;
- a organização da tarefa pelo professor garante a máxima circulação de informação possível;
- o conteúdo trabalhado mantém suas características de objeto sociocultural real, sem se transformar em objeto escolar vazio de significado social.



Foco na
aprendizagem e
desenvolvimento

²⁷ WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2004.

PLANEJAMENTO

Buscamos estratégias que considerem a integração entre as diversas áreas do conhecimento, o reconhecimento dos saberes e conhecimentos das famílias e comunidades e o desenvolvimento de valores e atitudes.

Além dos momentos de estudo e formação com foco no planejamento pedagógico, é importante **manter diálogo constante com as e os estudantes das turmas do programa**, para identificar demandas de ajustes no trabalho em sala de aula. Isso apoiará o planejamento de propostas desafiadoras para que as crianças, adolescentes e jovens escolham e aprofundem temas de seus interesses, além de descobrir outros que fazem parte do patrimônio universal da humanidade. Cuide também de assegurar momentos em que os e as estudantes tenham oportunidade de apresentar os resultados de seus estudos entre eles/as e para outros estudantes da escola. Essa ação intencional favorecerá uma experiência comunicativa que faz parte das práticas sociais mencionadas anteriormente.



Colaboração

Para dar vida a essa proposta pedagógica específica, a equipe de professores/as precisará estar em constante **colaboração e diálogo** com a coordenação pedagógica, visando a multidisciplinaridade, os ajustes nas propostas e projetos, a produção coletiva de propostas de ensino e formas de acompanhamento das aprendizagens de todos e todas as estudantes. Ou seja, o planejamento pedagógico exigirá uma reflexão cotidiana sobre o encadeamento **e articulação das atividades e o acompanhamento da rotina organizada em torno das aprendizagens das crianças, adolescentes e jovens.**

Cada sequência de atividades ou projeto proposto deverá estar relacionado aos objetivos de aprendizagem e habilidades previstas no currículo específico, bem como adotar metodologias que favoreçam seu desenvolvimento – assim, será importante antecipar quais recursos, tempos e espaços serão necessários.



Experiências didáticas

A fim de contribuir com esse planejamento, o UNICEF disponibiliza experiências didáticas, pensadas como inspiração tanto para as escolas que participam de programas alinhados à TSE como para as interessadas em tratar essas questões. Vale explorar essas possibilidades durante os momentos formativos com professores/as, incentivando que analisem os aspectos que fazem a diferença em cada proposta, bem como o diálogo entre eles e as premissas dos programas locais.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Tela do site TSE, com título “Pesquisa por experiência didática”. Há introdução da seção, campos de pesquisa e três blocos com as experiências: “#(De)codificando meus sonhos”; “Biomias do consumo”; e “Exposição oral: compartilhamento de sabe...”

CONSULTE

No link <https://bit.ly/experienciasTSE> ou no código QR.



É importante considerar que crianças e adolescentes em distorção idade-série também podem estar enfrentando outros desafios em casa, na comunidade, nas relações com seus pares. Para muitos/as estudantes com trajetórias escolares marcadas pela exclusão, a ideia de cursar o ensino superior ou um curso técnico

PLANEJAMENTO

pode parecer muito distante de sua realidade. Assim, experiências didáticas pautadas por uma Educação que Protege podem ser aliadas no fortalecimento de fatores de proteção que são fundamentais para o engajamento na escola e em um projeto de vida. No guia “Experiências didáticas por uma Educação que Protege” o UNICEF oferece roteiros para implementar práticas pedagógicas pautadas pela intencionalidade de prevenir e romper ciclos de violência.

O material foi produzido a partir dos aprendizados de experiências que o UNICEF e seus parceiros têm construído em diferentes regiões do Brasil. Essas experiências mostram que é fundamental fortalecer cada criança e cada adolescente em seu autoconhecimento, autoestima e autoproteção, em sua capacidade para estabelecer relações afetivas protetivas e em sua atuação na sociedade com base em escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e a um projeto de vida.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/experienciasprotege> ou no código QR.

Considerando a diversidade de estratégias metodológicas, apresentamos alguns formatos possíveis para o trabalho do professor/professora que contribuirão para o planejamento de propostas didáticas significativas, multidisciplinares, favorecendo a otimização de uma importante variável da prática educativa: **o tempo**.

“Quando se opta por apresentar os objetos de estudo em toda sua complexidade e por reconhecer que a aprendizagem progride através de sucessivas reorganizações do conhecimento, o problema da distribuição do tempo deixa de ser simplesmente quantitativo: não se trata somente de aumentar o tempo ou de reduzir os conteúdos, trata-se de produzir uma mudança qualitativa na utilização do tempo didático.”

Delia Lerner

DIFERENTES MODALIDADES ORGANIZATIVAS			
Projeto	Atividades sequenciadas	Atividades habituais	Situações independentes
São situações didáticas que se articulam em função de um propósito didático e de um propósito social (ler, escrever, pesquisar, estudar).	São situações didáticas articuladas que possuem uma sequência de realização cujo critério principal são os níveis de dificuldade.	São situações didáticas propostas com regularidade cujo objetivo é constituir atitudes, desenvolver hábitos etc. Por exemplo: para promover a leitura e a escrita e desenvolver atitudes e procedimentos de leitores e escritores.	A) Situações ocasionais: são situações em que algum conteúdo significativo é trabalhado sem que tenha ligação direta com o que está sendo desenvolvido. Exemplos: - Discussão de um tema muito debatido na mídia (eleição, violência, aquecimento global etc.). - Leitura de artigos de jornais e revistas. - Participar de campanhas.
Periodicidade: depende dos objetivos propostos – podem ser dias ou meses. Quando de duração longa, os projetos permitem o planejamento de suas etapas com estudantes e a distribuição do tempo previsto.	Periodicidade: variável	Periodicidade: se repetem de forma sistemática e previsível (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente).	B) Situações de sistematização: são atividades que não estão relacionadas com propósitos imediatos, mas com objetivos e conteúdos definidos para a série, pois se destinam justamente à sistematização de conhecimentos construídos por meio das outras modalidades organizativas.
Característica básica: uma finalidade compartilhada por todos/as os/as envolvidos/as que se expressa num produto final.	Característica básica: funcionam de forma parecida com os projetos e podem integrá-los, mas não têm um produto final preestabelecido.	Característica básica: a marca destas situações é a regularidade e, por isso, possibilita o contato intenso com um gênero de texto, com um autor, entre outros aspectos.	

Fonte: Elaborado a partir de Lerner, 2002²⁸.

²⁸ Lerner, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Para saber mais...

Modalidades organizativas | Grandes Diálogos com Delia Lerner

A educadora argentina Delia Lerner conversa com Regina Scarpa sobre as modalidades organizativas.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/modalidadesTSE> ou no código QR.

Como organizar sequências didáticas

Artigo proposto a partir de perguntas frequentes sobre o planejamento docente.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/sequenciasdidaticasTSE> ou no código QR.

Formação na escola Ciclo 2

Material que disponibiliza possibilidades de projetos, sequências e atividades habituais para os 4^{os} e 5^{os} anos.

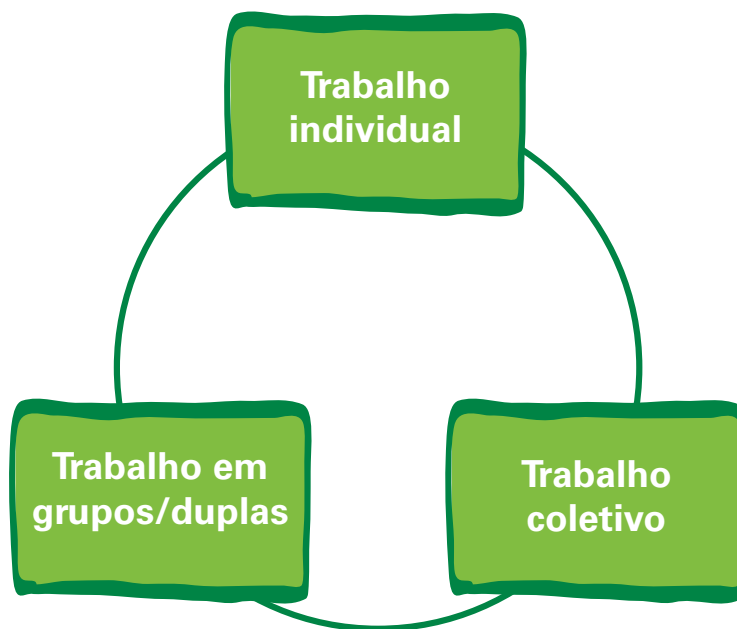


CONSULTE

No link <https://comunidadeeducativa.org.br/formacao-na-escola-ciclo-2/> ou no código QR.

Outra variável didática relevante presente nos planejamentos são os **agrupamentos**. Se acreditamos que a aprendizagem se dá entre pares, é importante manter a coerência e buscar diferentes formas de agrupamentos, potencializando as interações. Ao planejar as propostas didáticas, é fundamental que seja pensado o nível de autonomia do sujeito no que se refere às diferentes

aprendizagens, por isso, recomenda-se que as situações didáticas sejam organizadas a partir de um movimento metodológico que integre:



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Diagrama com os textos “Trabalho individual”; “Trabalho em grupos/duplas”; e “Trabalho coletivo”; interligados por um círculo.



Esse movimento pode integrar uma mesma proposta de trabalho – como, por exemplo, a resolução de um problema matemático – que possibilite ao/à estudante, primeiramente, se dedicar a enfrentar o problema individualmente, colocando em jogo os conhecimentos que já possui e, em seguida, discutir com seus pares (em dupla ou grupo) as estratégias utilizadas e os resultados encontrados. Posteriormente, poderá ampliar as reflexões coletivamente, com a professora ou o professor mediando as análises sobre semelhanças e diferenças encontradas nas resoluções para validá-las ou não. Trata-se de um tipo de

PLANEJAMENTO

proposta consonante com a concepção de ensino que busca incluir as ideias de estudantes numa comunidade de aprendizes, de construtores de conhecimento.

É importante que seja utilizado com bastante intencionalidade, portanto, faz-se necessário planejar as situações nas quais todo o ciclo será favorável (trabalho individual, em grupo e coletivo) ou quando ele não precisará ser completo (há situações em que é suficiente um trabalho em duplas seguido do coletivo, por exemplo). O mesmo movimento pode acontecer em situações didáticas nas diferentes áreas.

O que ressaltamos como necessário é que essas diferentes organizações sociais em aula – sejam elas feitas em uma única proposta didática (como no exemplo anterior) ou em várias – atendam a diferentes propósitos de ensino. Assim, uma mesma turma também pode ser organizada em grupos, alternando:

- Momentos em que todos/as os/as estudantes realizam a mesma proposta;
- Momentos em que, diante de uma mesma proposta ou material, realizam tarefas diferentes;
- Momentos de propostas diversificadas, em que os grupos têm tarefas diferentes em função do que estão precisando aprender.

É possível observar que muitas dessas recomendações não se aplicam apenas às turmas do programa, já que todos e todas as estudantes da escola têm direito a bons contextos de aprendizagem. Mas são especialmente importantes quando se trata de assegurar as aprendizagens de estudantes que já estão em situação de atraso escolar, visando sua progressão para que possam, o quanto antes, alcançar seus pares etários e darem continuidade às suas trajetórias escolares.



Equidade

O que fazer para manter e aprimorar o planejamento

Para que se efetive como instrumento de gestão, o plano de ação da escola precisa ser retomado de tempos em tempos. Para tanto é necessário que todas as e os envolvidos saibam desta periodicidade que poderá estar registrada no cronograma da escola. Assim a equipe vai se constituindo em torno deste valioso instrumento. Nessas ocasiões se registra o que foi feito, os resultados observados e analisa-se o que ainda está previsto, replanejando se necessário. Essa pode ser uma fonte de diálogo entre gestores escolares, entre eles/as e sua equipe e mesmo entre a gestão e técnicos das Regionais de Educação ou das Secretarias de Educação. O plano é da escola, mas a direção escolar possui uma função de guardião, não deixando que ele fique de lado.

Já os planejamentos pedagógicos podem ser continuamente aprimorados mediante as ações formativas da escola, que podem incluir encontros formativos coletivos e individuais, apresentação de trabalhos entre professores/as, observação de sala de aula com devolutivas, registros reflexivos, entre outras situações. Os e as professoras são profissionais intelectuais, que têm tarefas complexas, e como tal precisam tomar muitas decisões durante a implementação dos seus planejamentos. Refletir sobre elas dentro de uma comunidade profissional é atitude essencial para seu aprimoramento profissional.



Formação
continuada



IMPLEMENTAÇÃO

“A educação precisa ser um caminho que transforma. Nós temos isso no programa. Por que continuar? Porque, além de ensinar os alunos, nós queremos resgatá-los e transformá-los, e isso é possível no programa. [...] As minhas práticas na educação nunca se desdobraram tanto quanto agora no projeto, porque, por mais que as nossas aulas sejam poucas, nós conseguimos nos relacionar bem, cumprir o planejamento, tirar o aluno da sala de aula... nós conversamos com o aluno e nós ensinamos. Nós estamos num programa que não só ensina, mas que transforma.”

Professor/a do Amapá, durante o diagnóstico de escolas com o “Programa Travessia” alinhado à TSE.

O que considerar no eixo da implementação	108
Mão na massa, gestores e gestoras escolares	110
Mão na massa, professores e professoras	123
O que fazer para aprimorar a implementação	129


DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Adolescente negro de cabelo curto olha para cima e sorri, sentado em uma cadeira com um caderno anotado no colo.

O que considerar no eixo da implementação

Maysa é diretora de uma escola na periferia de um município, numa região metropolitana. A escola está com um programa alinhado à TSE há um ano. Certo dia, enquanto andava pelo corredor a fim de verificar a instalação de um novo bebedouro, Maysa é envolvida por um grupo de estudantes a convidando para assistir a uma apresentação da turma do programa de enfrentamento da cultura do fracasso escolar, com o tema “juventudes brasileiras”.

Maysa volta para a sala e pergunta à coordenadora pedagógica Luana do que se trata.

Luana: *Ah, esta é uma atividade de finalização de um projeto, elaborada pela professora de geografia em parceria com a professora de português. Elas dividiram a turma e cada subgrupo ficou responsável pela pesquisa de um aspecto do tema. Então prepararam a apresentação, elaborando texto e fazendo revisão. Hoje vão apresentar uns para os outros e chamamos a turma do 6º ano para assistir, pois estão fazendo uma pesquisa similar. A atividade vai também compor a avaliação de estudantes.*

Maysa: *Que bacana! Olha, o grupo que me procurou estava bem animado. Só sinto uma pena dos familiares não verem...*

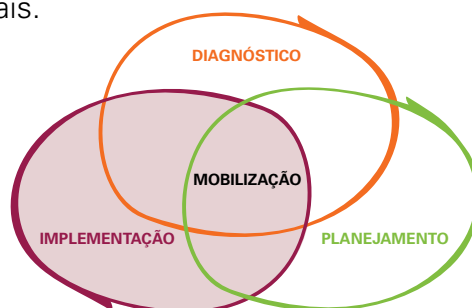
Luana: *Puxa, é mesmo. Acho que dá tempo de filmar para compartilharmos um vídeo editado no próximo encontro de pais! Vou lá ver isso agora mesmo.*

Esta cena, que foi inspirada em situações vivenciadas na avaliação da TSE, realizada em 2022/2023, nos convida a refletir sobre o papel da gestão escolar ao longo das ações com as turmas dos programas, pois no cotidiano há pistas importantes sobre a qualidade da implementação. Estudantes engajados às atividades, interagindo com outros atores da escola, participativos e protagonistas nas decisões, e ainda reconhecendo o valor do programa para a evolução de suas aprendizagens, revelam que a proposta está fazendo sentido e alcançando os resultados esperados.

Mas, o que a gestão escolar e sua equipe precisam assegurar no cotidiano para que a implementação ocorra de fato? Acreditamos que uma palavra-chave é acompanhamento – veremos aqui recomendações para as diferentes perspectivas:

Gestão escolar: a avaliação de programas alinhados à estratégia TSE revelou alguns fatores comuns que podem favorecer o fortalecimento dos programas, de forma que parecem ser boas pistas do que perseguir durante o acompanhamento das diferentes ações para que o programa se efetive na escola.

Professores/as: trataremos do acompanhamento de aprendizagens e da avaliação, que costumam constituir-se como grandes dilemas das e dos professores que atuam com essas turmas. Disponibilizaremos referências para um acompanhamento processual e uma avaliação diversificada, focada nas aprendizagens essenciais.



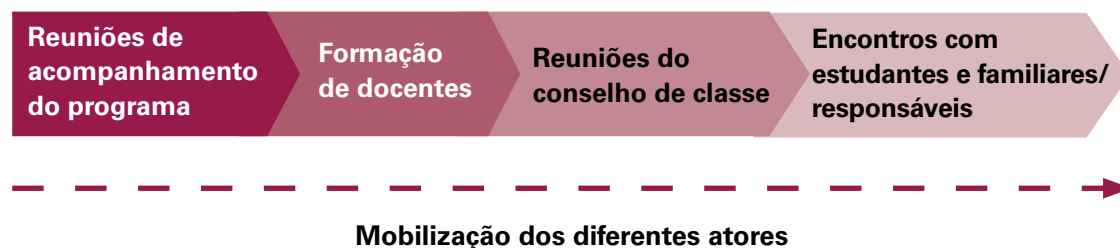
- □ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Três elipses com uma intersecção ao meio. A elipse cor-de-vinho possui dentro a palavra “Implementação” e está em destaque. A laranja possui a palavra “Diagnóstico”. A verde possui o termo “Planejamento.” Na intersecção entre as três elipses aparece, em preto, a palavra “Mobilização”.
- └ ┘

IMPLEMENTAÇÃO

Lembre-se de que a implementação é um dos eixos da estratégia, portanto ela não começa apenas depois do diagnóstico e do planejamento. Como demonstrou a intersecção do diagrama dos eixos, a implementação já começou assim que iniciaram as primeiras discussões sobre o programa na escola, sendo pautada na continuidade da mobilização da comunidade para a construção de uma cultura de sucesso escolar.

Mão na massa, gestores e gestoras escolares

Abaixo, apresentamos as principais ações do eixo “implementação”:



- □ **DESCRIÇÃO DA IMAGEM:** Diagrama com quatro setas sequenciais em tons diferentes de cor de vinho apontando para a direita. Há textos em cada uma delas. Da esquerda pra direita: 1 - “Reuniões de acompanhamento do programa”; 2 - “Formação de docentes”; 3 - “Reuniões do conselho de classe”; 4 - “Encontros com estudantes e familiares/responsáveis”. Abaixo, há uma seta simples que também aponta para a direita e o texto: “Mobilização dos diferentes atores”.

Conhecemos os desafios que as equipes escolares têm enfrentado para assegurar que a escola seja um lugar de oportunidades de aprendizagem e garantia de direitos para crianças, adolescentes e jovens. Cada vez mais, a demanda por práticas de gestão apoiadas em processos dialógicos e colaborativos tem se ampliado e, dessa forma, a ou o diretor precisa conciliar reuniões com públicos diferentes, tal qual um maestro de uma grande orquestra.

Reuniões de acompanhamento do programa

A realização de reuniões para o acompanhamento das ações com a equipe escolar e professores/as apoia a avaliação sobre o alcance dos objetivos esperados diante do planejamento, favorecendo a tomada de decisões quanto aos ajustes necessários. Mas o que priorizar nesses encontros de acompanhamento, diante de tantos aspectos a analisar?

A partir da experiência da estratégia TSE e dos programas locais analisados, desenhou-se sete dimensões de análise para o acompanhamento do ponto de vista da escola. A seguir, sistematizamos algumas sugestões de pontos que podem compor a pauta dos diálogos com a equipe:



Acompanhamento do ensino e da aprendizagem

IMPLEMENTAÇÃO

Dimensões	Pontos para refletir
Organização das ações	O diagnóstico da escola está atualizado? E o plano de ação tem servido como instrumento da gestão? A comunidade escolar tem sido envolvida neste planejamento? Como estão sendo envolvidos/as? A equipe de professores/as que atua com as turmas do programa está em número suficiente e apresenta quantidade e perfil coerentes? A escola disponibiliza materiais e acervos coerentes e em quantidade suficiente para as atividades propostas? Como anda a mobilização da equipe para o enfrentamento da cultura do fracasso escolar? Como anda a discussão da cultura do fracasso escolar com toda a equipe docente? As e os novos/as professores/as recebem orientações e suporte quando iniciam o trabalho com as turmas do programa? A quantidade de estudantes por turma está adequada, conforme a proposta do programa? O programa e suas ações constam no PPP da escola?
Formação	Existem encontros formativos com foco na efetivação de uma proposta pedagógica diferenciada frente às necessidades de avanços nas aprendizagens das turmas do programa? O tempo de planejamento docente é assegurado aos/as professores/as das turmas do programa? Além disso, envolve todos/as os/as professores/as da escola promovendo a articulação entre eles/as? Há apoio da coordenação pedagógica para este planejamento? A coordenação pedagógica lança mão de estratégias formativas diversificadas, como observação da sala de aula com devolutivas, análise de registro das atividades, planejamento compartilhado, tematização da prática, registros reflexivos, entre outras? São promovidos espaços de compartilhamento de práticas entre professores/as?

Dimensões	Pontos para refletir
Currículo	A proposta de flexibilização do currículo é compreendida pela equipe docente do programa? Os materiais e as propostas didáticas são adaptados à realidade e necessidade dos/as estudantes? Há proposta estruturada para que estudantes desenvolvam o seu projeto de vida?
Acompanhamento das aprendizagens	São utilizados diferentes instrumentos de avaliação, para além da prova escrita? Os instrumentos e fluxos de acompanhamento de aprendizagens têm contribuído para a compreensão de como está cada estudante e sobre as adaptações necessárias no ensino? Os e as estudantes são orientados a fazer sua autoavaliação? Ela é considerada pela equipe docente para o planeamento? O registro do trabalho pedagógico com a turma e de seus resultados é assegurado e utilizado para fins de avaliação? A equipe pedagógica possui espaços de diálogo sobre os resultados de cada estudante? Prioriza aspectos qualitativos, para além das notas e faltas? O conselho de classe discute a evolução de aprendizagens de estudantes ao longo do ano e colabora para a decisão final sobre sua progressão ou reclassificação? Como são compartilhados os resultados das aprendizagens dos/as estudantes com eles/as e seus familiares?

IMPLEMENTAÇÃO

Dimensões	Pontos para refletir
Ambiente escolar inclusivo e seguro	Como está a motivação e o engajamento de estudantes e professores/as? Como está a frequência de estudantes e professores/as? Como anda a convivência na escola? Há espaço de participação e escuta de estudantes? A escola assegura, no mínimo, uma infraestrutura básica de atendimento em termos de iluminação, circulação de ar, higiene e ergonomia? A escola proporciona orientação sobre os mecanismos de denúncia de casos de exposição à violência ou encaminhamentos em casos de situação de vulnerabilidade social? Quando a equipe toma conhecimento de casos de violência ou outras vulnerabilidades, aciona a rede de proteção?
Parcerias	A escola promove ações para favorecer o engajamento de familiares/responsáveis, para que, juntos, estabeleçam uma parceria com foco em trajetórias de sucesso escolar? A escola dá visibilidade às produções de estudantes em seu ambiente interno e na comunidade? A escola busca e preserva parcerias para ampliação das oportunidades educacionais e para assegurar a proteção de estudantes?



Acompanhamento
do ensino e da
aprendizagem

Destacamos que o fator carga horária adequada das e dos professores para o atendimento das turmas do programa apareceu na avaliação com grande peso para o sucesso das ações. Tendo em vista a especificidade da proposta pedagógica, há maior demanda de planejamento das atividades de sala de aula, inclusive implicando em alinhamentos multidisciplinares, exigindo dedicação e, às vezes, ajustes na atuação do professor/professora na escola ou na rede – quando trabalha em mais de uma unidade escolar. Esse aspecto exige que a gestão escolar esteja alinhada com as equipes técnicas das Regionais de Educação e da Secretaria da Educação na busca pela garantia de condições adequadas para o trabalho docente.

Formação de docentes

O sucesso da estratégia está diretamente relacionado à capacidade do grupo coordenar coletivamente as ações. A ou o estudante em atraso escolar não é mais responsabilidade dos/as professores que lhe dão aula, e sim de um coletivo escolar que se corresponsabiliza pela sua aprendizagem e seu desenvolvimento, o que também implica nele próprio ser um agente de mudança.

Logo, as reuniões de coordenação pedagógica e de estudo promovem o foco tanto na aprendizagem e no desenvolvimento das e dos estudantes para a construção de trajetórias de sucesso escolar como, também, na **formação de professores**. Nesses momentos, é interessante que as e os professores:



Formação
continuada

- conheçam experiências significativas de outros territórios e de outras escolas que promovem trajetórias de sucesso escolar;
- debrucem-se coletivamente sobre as atividades realizadas pelas turmas, analisando o que elas contam sobre o quanto estão aprendendo e sobre o que ainda precisa ser mais desenvolvido;
- estudem materiais de referência que respondam aos seus desafios diários, relacionando teoria e prática;
- socializem suas experiências, por meio de sistematização prévia e compartilhamento em sua comunidade profissional.

A Lei 11.738, que instituiu o piso salarial dos/as professores/as²⁹, define que a composição da jornada de trabalho observará 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os/as educandos/as. Assim, o 1/3 restante poderia se voltar às atividades de planejamento e formação.

²⁹ BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008 (Lei do Piso). Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm.

IMPLEMENTAÇÃO

Ainda assim, são frequentes relatos da dificuldade de se promover encontros formativos coletivos na escola. Entendemos que esses espaços são essenciais para a efetivação do direito à educação, e se tornam ainda mais necessários diante de uma proposta pedagógica diferenciada para estudantes em situação de atraso escolar. Incentivamos que a coordenação pedagógica inclua situações de formação a partir de agrupamentos diversificados:

- toda a equipe docente do programa e entre eles/as e os/as demais professores/as da escola;
- docentes de uma mesma turma;
- docentes de um mesmo componente;
- encontros com duplas ou trios;
- momentos individuais com a coordenação pedagógica para acompanhamento e devolutiva (a partir da observação de aula previamente planejada de forma conjunta, por exemplo)
- momento individual de estudo e planejamento.

A formação docente em serviço

No livro “Coordenação Pedagógica: identidade, saberes e práticas”, há um capítulo especialmente dedicado para a formação docente em serviço, incluindo um relato comentado de uma coordenadora a esse respeito.

DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação “Coordenação pedagógica identidade, saberes e práticas. Como coordenadora e coordenador podem atuar na escola para fortalecer as aprendizagens. Organização: Patrícia Díaz e Tereza Perez”, foto de mãos escrevendo em um caderno e logos da CE CEDAC, Fundação Santillana e Editora Moderna.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/livroCP> ou no código QR

Reuniões de conselho de classe

Outra ação fundamental é o apoio da gestão escolar para a realização dos conselhos de classe. Existem normativas locais que orientam a periodicidade destas reuniões – nós recomendamos pelo menos três ao ano.

Muitas vezes essas reuniões são realizadas porque precisam acontecer, sem que se aproveite o potencial de discussão deste grupo diversificado de professores/as sobre os avanços e necessidades de cada estudante e da turma em geral. A proposta pedagógica diferenciada convida para uma avaliação processual e que prioriza aspectos qualitativos – a análise e discussão sobre cada caso são essenciais.

Mas esse convite é uma ação afirmativa, pois esta conduta já está prevista de forma geral na educação. A Lei Federal nº.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu art. 24, inciso V, alínea a, dispõe sobre *“a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, e dos resultados ao longo do período sobre eventuais provas finais”*.

O registro das discussões e encaminhamentos do conselho de classe é um importante documento escolar. Em muitos programas locais de enfrentamento da cultura do fracasso escolar, existem modelos para essa Ata.

As discussões do conselho de classe também podem contemplar as condições asseguradas para o ensino. Trata-se de um espaço democrático de construção de alternativas.



Participação
e escuta

Encontros com estudantes e familiares

As conversas cotidianas com estudantes e familiares, baseadas na escuta e respeito, apoiam o **acompanhamento e avaliação do programa** na escola. Mas é recomendável manter encontros periódicos em que esse objetivo esteja explícito de forma ainda mais intencional.

Veja uma sugestão de roteiro para organização de **encontros com estudantes**:

1. Marque com antecedência ou defina com os e as estudantes a periodicidade dessas reuniões;
2. Defina com eles e elas as regras para o desenvolvimento da reunião (ordem das falas, quem vai fazer a ata, quem presidirá os trabalhos etc.);
3. Coloque caixas nas salas para coletar as sugestões de temas para próximas reuniões;
4. Alguns dias antes da reunião, organize as sugestões, buscando construir uma pauta com as propostas. Agrupe os temas e estabeleça a ordem para o debate;
5. Incentive-os/as a discutir os temas. A participação de todos deve ser estimulada sem que nenhum estudante seja negativamente exposto. Portanto, cabe a quem conduz a reunião estabelecer os limites e encaminhar outras ações caso seja necessário;
6. Estabeleça regras para os casos em que a votação seja necessária à tomada de decisão. O ideal é sempre conseguir, por meio do diálogo, consensos que possam ser assumidos por todos.

Quanto à participação das famílias nas ações e nos encontros promovidos pelas escolas, a dificuldade é relatada com frequência. Essa situação demanda que os e as profissionais da educação reflitam profundamente sobre o que podem modificar nesses momentos, visando o cultivo dessa parceria fundamental para o desenvolvimento integral de estudantes.

Parceria escola-família

Este livro traz uma série de exemplos do cotidiano escolar em relação à parceria escola-família com propostas de reflexão, de estudo e alternativas práticas. O caso a seguir foi retirado dele e traz algumas alternativas de uma escola que passou pelo desafio de rever suas ações de aproximação com as famílias.



DESCRIÇÃO DA IMAGEM: Capa da publicação “Diálogo Escola-família. Parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. Organização: Tereza Perez,” foto de mãos de pessoas diversas sobrepostas e logos da CE CEDAC, Fundação Santillana e Editora Moderna.



CONSULTE

No link <https://bit.ly/dialogoCEDAC> ou no código QR.



IMPLEMENTAÇÃO

Vamos aprender mais sobre a participação dos familiares e responsáveis pelos e pelas estudantes com o caso do diretor Mário, a seguir:

Mário, diretor de uma escola de Ensino Fundamental, ficava incomodado sempre que professores/as e demais funcionários/as de apoio generalizavam as constantes queixas que faziam das famílias dos e das estudantes, tais como: “as famílias não participam”; “as famílias não se importam”; “as famílias não educam”. Para ele, essa generalização, que acabava por acirrar ainda mais as tensões inerentes a essa relação, era fruto de um conhecimento muito superficial dos/as profissionais de sua unidade a respeito das famílias.

Disposto a aprimorar o relacionamento da escola com os núcleos familiares, pois sabia que isso era fundamental para a aprendizagem, Mário fez uma reunião com Ivana, coordenadora pedagógica, a fim de planejar uma sequência de ações que ajudassem a dar mais visibilidade às pessoas que fazem parte das famílias de estudantes.

Um dos principais desafios que enfrentaram foi: como promover, entre os membros da equipe, a consciência da importância do trabalho conjunto de escola e famílias? Diretor e coordenadora acreditavam que as expectativas da equipe quanto à atuação dos/as familiares podiam estar desencontradas – e vice-versa. Eles decidiram, então, refletir com a equipe sobre uma questão básica para todo o trabalho: como a atuação conjunta de escola e famílias pode favorecer a aprendizagem dos e das estudantes?

Ações

O diretor e a coordenadora pedagógica planejaram algumas ações para aumentar a participação das famílias na escola.

- Inclusão de momentos de estudo de textos sobre educação integral e reflexão sobre as contribuições da escola e das famílias em horários de

formação coletiva da equipe.

– Convocação de todos/as os/as funcionários/as para se engajarem no desafio de aumentar a participação das famílias no acompanhamento do trabalho realizado pela escola de 30% no ano X (média de participação de familiares em reuniões/eventos) para 60% no ano Y (a meta deve ser um desafio).

– Sensibilização da equipe docente e dos/as discentes de maneira a conscientizá-los/as sobre a importância da participação das famílias na vida escolar.

– Apresentação, para a equipe, do projeto “Conhecer melhor as famílias de nossos estudantes”, envolvendo familiares.

– Planejamento de reuniões para conhecer melhor as famílias: seus sonhos para os/as filhos/as; as maiores dificuldades na educação deles; o que esperam da escola. É importante que cada reunião seja agendada em dia e horário viáveis para a maioria dos/as responsáveis pelos/as estudantes.

– Formatação, com a equipe, de estratégias de comunicação para que as famílias se sintam atraídas a participar do projeto “Conhecer melhor as famílias de nossos/as estudantes”.

– Análise, após as reuniões com as famílias, do material colhido para composição de painéis (em PowerPoint ou cartazes) com a categorização dos sonhos, das dificuldades e das expectativas dos/as familiares.

– Proposição com a equipe e tomando como base a análise de ações voltadas para o atingimento da meta de ampliação da participação das famílias, com distribuição ao longo do ano.

– Estabelecimento de estratégias de comunicação para que as famílias se sintam atraídas e comprometidas a participar das ações.

– Formação de comissões que incluam familiares, professores/as, demais funcionários/as e estudantes para a realização das ações.

– Balanço, ao final do ano, do atingimento ou não da meta de

IMPLEMENTAÇÃO

ampliação da participação, avaliando as ações planejadas e realizadas para iniciar o planejamento da continuidade e do aprimoramento da relação entre escola e famílias no ano seguinte.

– Abertura da escola aos finais de semana para encontro entre familiares, estudantes, profissionais da escola e comunidade.

É importante, nesta etapa de implementação e avaliação, a gestão escolar fazer as seguintes **perguntas para reflexão** com sua equipe:

- Como é a situação em sua escola?
- A equipe procura ativamente a parceria com as famílias?
- Quais são as ações realizadas nesse sentido?
- Como gestor/a, quais são suas propostas para manter essa relação viva e saudável no cotidiano da escola e do trabalho desenvolvido nas aulas com estas turmas?
- Será que as ações que Mário e Ivana realizaram também funcionariam em sua unidade?

Por trás de cada uma dessas ações está o objetivo de construir na equipe um sentido e desejo compartilhado de implementar as ações, de modo a favorecer o desenvolvimento dos e das estudantes. Por isso a condução deve estar baseada na busca da **mobilização e engajamento** dos diferentes atores da comunidade escolar para o enfrentamento da cultura do fracasso escolar.

Mão na massa, professores e professoras

Além de participarem dessas ações de acompanhamento, os e as professoras têm uma contribuição fundamental na implementação do programa na escola. São responsáveis pelo acompanhamento das aprendizagens de seus e suas estudantes, que pode ser circunscrito à avaliação pedagógica ou de sala de aula:

A avaliação pedagógica

A avaliação pedagógica ou de sala de aula é aquela que ocorre durante as etapas do ensino dentro da escola, na interação entre professores/as e educandos, e que pode ser realizada antes, durante ou no fim de um período de ensino. Pode ter como função estabelecer um diagnóstico, o acompanhamento ou uma avaliação final, somativa.

A avaliação deve estar a serviço da orientação, o que amplia o papel da avaliação formativa, aquela que é realizada ao longo dos processos de ensino e aprendizagem, por meio de diferentes estratégias, e que fornece informações a professores e educandos sobre como está a aprendizagem e o que ainda deve ser aprimorado.

Fonte: Guia de implementação dos currículos alinhados à BNCC para a educação infantil e ensino fundamental³⁰

³⁰ UNDIME; Movimento pela Base; CE CEDAC. Guia de implementação dos currículos alinhados à BNCC para educação infantil e ensino fundamental. Disponível em <https://comunidadeeducativa.org.br/guia-de-implementacao-dos-curriculos-alinhados-a-bncc-para-educacao-infantil-e-ensino-fundamental/>

IMPLEMENTAÇÃO



Acompanhamento do ensino e da aprendizagem

Para que se possa **acompanhar as aprendizagens da turma**, é importante que se discuta sobre instrumentos de acompanhamento, práticas de avaliação diversificadas, registro e comunicação com estudantes e familiares. A definição das aprendizagens essenciais ou priorizadas, de que falamos antes, também é essencial, pois são elas que devem ser foco do acompanhamento.

Veja um exemplo de instrumento de acompanhamento de aprendizagens:

INSTRUMENTO DO(A) PROFESSOR(A)			
NOME DA ESCOLA:	HABILIDADES		
EF- TURMA 4º ANOS:	EF35LP21 Ler e compreender, de forma autônoma, textos literários de diferentes gêneros e extensões, inclusive aqueles sem ilustrações, estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.		
NOME DO/A PROFESSOR/A:			
PERÍODO DE REGISTRO:			
NÍVEIS	1.NÍVEL INICIAL	2. NÍVEL INTERMEDIÁRIO	3. NÍVEL ESPERADO
OBSERVÁVEIS	Lê textos completos (do começo ao fim) com autonomia, demonstrando compreensão do que é lido.	Lê textos completos (do começo ao fim) com autonomia, demonstrando compreensão do que é lido. Constrói sentido para o texto lido, recuperando o enredo, opinando sobre as personagens, comentando o desfecho.	Lê textos completos (do começo ao fim) com autonomia, demonstrando compreensão do que é lido. Constrói sentido para o texto lido, recuperando o enredo, opinando sobre as personagens, comentando o desfecho. Aciona conhecimentos prévios para atribuir sentido ao que está lendo; defende suas interpretações e tenta compreender as dos outros; compartilha com outros os efeitos que os textos produzem.
Educandos/as			

As decisões em torno desses elementos que compõem uma rotina de acompanhamento de aprendizagens baseiam-se na ideia de que uma boa avaliação:

- Proporciona aos e às educandas a compreensão sobre seu processo de aprendizagem;
- Provém aos e às professoras subsídios para atuarem, repensando suas estratégias;
- Apoia gestores escolares no diagnóstico e no planejamento de ações, como os grupos de apoio às dificuldades de alguns estudantes em certos momentos do seu processo;
- Proporciona às famílias/responsáveis um acompanhamento dos aprendizados, para que valorizem e apoiem a trajetória escolar de cada estudante.

Autoavaliação

A autoavaliação pode ser uma estratégia preciosa no momento de acompanhamento e avaliação do que sabem os/as estudantes.

Embora seja uma estratégia conhecida, ainda pode se tornar mais presente no cotidiano, promovendo uma prática mais dialogada e participativa de avaliação. Pode compor as informações sobre resultados, análises em relação às expectativas de aprendizagens estabelecidas e o planejamento de intervenções, com vistas a favorecer o avanço de cada estudante.

Instrumentos de autoavaliação podem contribuir para exercícios de metacognição, desde que utilizados de forma regular e contínua, pois favorecem que cada estudante pense sobre o que está aprendendo.

IMPLEMENTAÇÃO

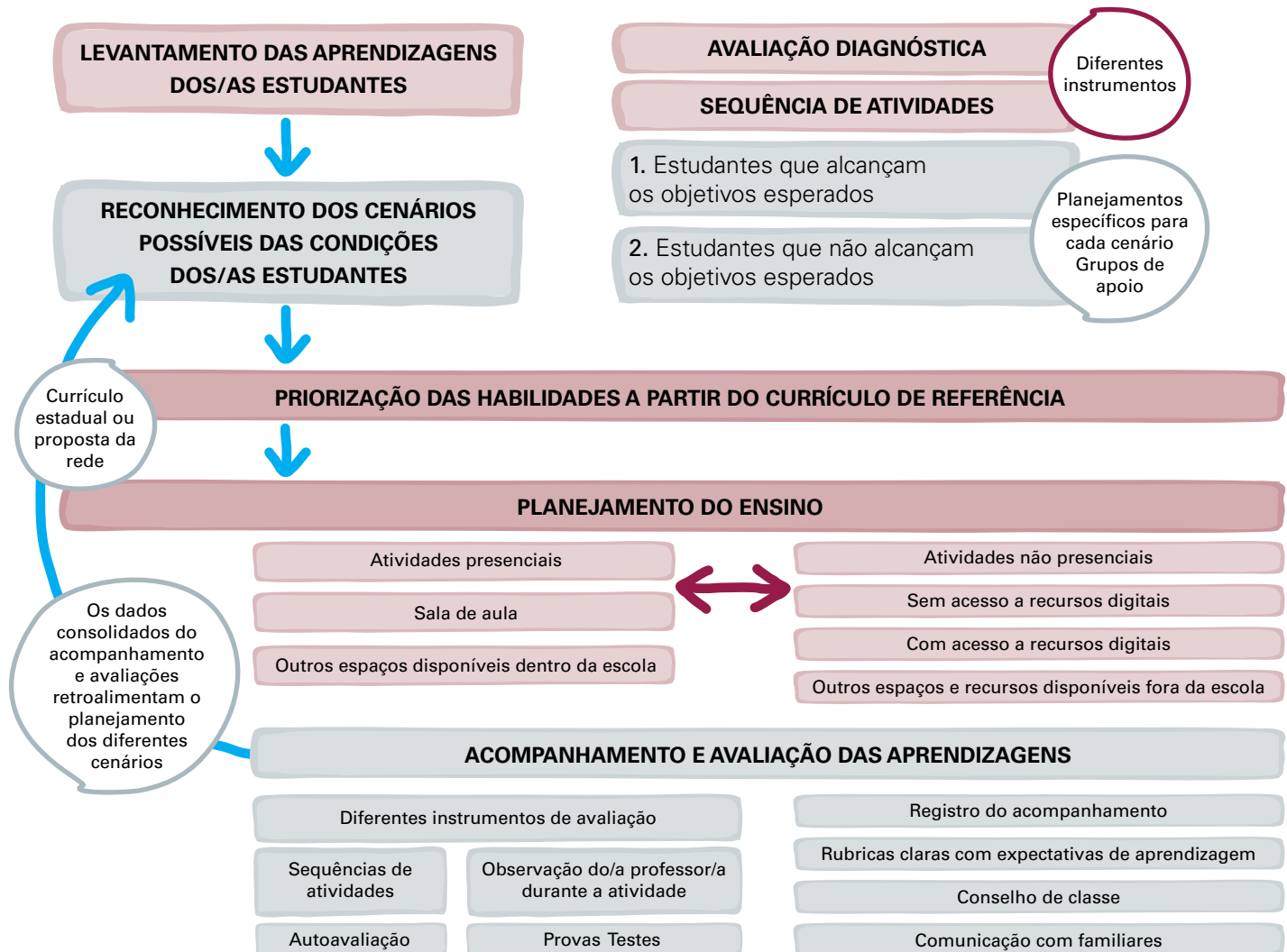
Segundo Juan Manuel Méndez³¹, para que a avaliação seja formativa, dentre muitos aspectos, a autoavaliação pode desempenhar um importante papel, considerando que:

A autoavaliação é uma parte essencial na construção de significado do processo de aprendizagem e de formação. Em seu exercício, o aluno pode se conscientizar sobre as estratégias de aprendizagem que utiliza na valoração deste, o que por sua vez evidencia as próprias estratégias empregadas quando se aprende, o que aprende e como está aprendendo. Também poderá compreender o grau de compromisso com o qual se faz, e com que fins o realiza. Ela busca, com a prática da autoavaliação, que o aluno vá se convertendo em aprendiz responsável e autônomo, que vá se apropriando do que fica sob sua responsabilidade, que é a aprendizagem. E o professor (...) irá colocando em prática seu conhecimento e sua responsabilidade profissional. (MENDÉZ, 2013, pg. 30932)

Veja este diagrama, que demonstra como as ações de acompanhamento se articulam às de ensino, com foco na aprendizagem de estudantes:

³¹ MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. O currículo como marco de referência para a avaliação educativa. In: SACRISTÁN, José Gimeno. Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013.

PERCURSO POSSÍVEL PARA O PLANEJAMENTO DO ENSINO E AVALIAÇÃO



Fonte: adaptado do Guia de implementação dos currículos alinhados à BNCC para educação infantil e ensino fundamental.

IMPLEMENTAÇÃO

Que tal analisar esse diagrama com a coordenação pedagógica de sua escola e com os demais membros da equipe docente?

Pontos que podem orientar essa análise:

- Note que a priorização de habilidades a partir do currículo de referência está influenciando tanto o planejamento do ensino quanto o acompanhamento e avaliação das aprendizagens;
- Veja que estão mencionados diferentes instrumentos de avaliação, o que é importante por dois motivos: 1) estudantes precisam ter diferentes possibilidades de demonstrar suas aprendizagens; 2) existem diferentes dimensões de aprendizagens (conceituais, factuais, procedimentais e atitudinais) que não podem ser observadas a partir de provas escritas.
- Note que o ensino prevê atividades presenciais e não presenciais. Originalmente o diagrama foi voltado ao retorno das atividades pós-pandemia, mas o mantivemos como estímulo à reflexão sobre como estamos utilizando as atividades não presenciais para além do tempo escolar, com foco na otimização do tempo de aprender. No diagnóstico realizado, observamos, com frequência, estudantes dizerem que não tinham lição de casa regularmente, apontando, ainda, que teriam condições de realizá-la se a proposta fosse feita.

O que fazer para aprimorar a implementação

O acompanhamento da implementação do programa pode promover o aperfeiçoamento das ações com foco na aprendizagem de estudantes, mas também pode, por si, desenvolver melhorias. Pode-se investir em uma “avaliação sobre a avaliação” – o que ocorre quando as escolas revisam seus instrumentos, metodologias e a periodicidade dos acompanhamentos.

Em tempos de grande foco nas avaliações de sistema, é fundamental lembrar que o movimento avaliativo deve estar a favor da aprendizagem. É preciso cuidar da quantidade de avaliações que professores aplicam, avaliam e analisam, sob pena de que passem mais tempo avaliando do que ensinando.

POR FIM...

Esperamos que este material possa apoiar você, gestor/a ou professor/a, em sua importante tarefa de reverter cenários de exclusão social e efetivamente contribuir para a efetiva garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens. Essa tarefa não é só sua, nem só da educação, pois, como vimos, estamos lidando com um processo historicamente constituído a muitas mãos, com “sólida argamassa e tijolos resistentes”. Mas, se a educação não puder abalar esse sistema, provocando rachaduras ora sutis ora mais profundas, quem poderá?

Lembre-se de que não está só, muito pelo contrário! Está conectado/a neste grande movimento de gestores e educadores em diferentes cantos do Brasil, mobilizados para a construção de uma cultura de sucesso escolar. Celebre cada trajetória individual de sucesso escolar que você impactar! E compartilhe conosco essas histórias, pois adoramos dar visibilidade a elas.

Bom trabalho!

Compartilhe

Registre as histórias da sua escola sobre as trajetórias de sucesso escolar.



CONSULTE

<https://trajetoriaescolar.org.br/fale-conosco/>

TRAJETÓRIAS DE SUCESSO ESCOLAR

Recomendações para as escolas

INICIATIVA



PARCERIA TÉCNICA



PARCERIA ESTRATÉGICA

